



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Paula Maribondo de Oliveira

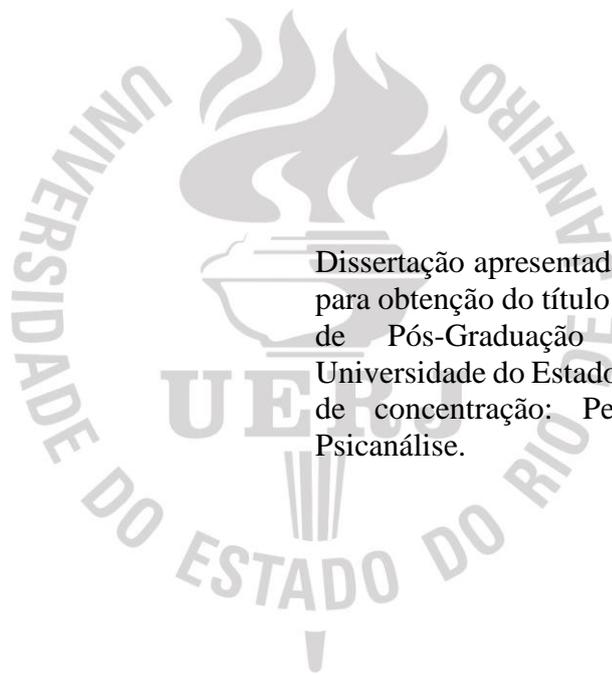
Repetição: um conceito fundamental da psicanálise

Rio de Janeiro

2019

Paula Maribondo de Oliveira

Repetição: um conceito fundamental da psicanálise



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pesquisa e clínica em Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro

2019

Paula Maribondo de Oliveira

Repetição: um conceito fundamental da psicanálise

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pesquisa e clínica em Psicanálise.

Aprovada em 26 de junho de 2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge (Orientador)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dra. Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro
Instituto de Psicologia - UERJ

Pesquisadora Dra. Cláudia Braga de Andrade
NIPIAC/UF RJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

A Zoia Schwartz, minha mãe, pelo convite a conhecer a psicanálise, pelas conversas, generosidade, troca de saberes e sabores, pelo humor, doçura e sorrisos.

A Silvia (*in memoriam*), minha irmã, por ter sido minha primeira grande amiga e em homenagem a um tempo em que podíamos sorrir com mais leveza.

A Suzana (*in memoriam*), minha avó, pelo carinho e alegria ao me incentivar no amor aos livros e na realização das minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Marco Antonio Coutinho Jorge, pelo acolhimento, pelas orientações tão ricas e inspiradoras, pela generosidade na transmissão de seu saber, por suas aulas, seminários, livros e textos, pelas valiosas sugestões e indicações bibliográficas, pela amizade, pelo incentivo, disponibilidade e carinho.

À Heloísa Caldas e Claudia Andrade, minha banca de mestrado, pela leitura atenta e generosa dessa dissertação, por terem aceitado me acompanhar nesse percurso desde o exame de qualificação e pelas preciosas contribuições.

Aos professores do Programa de pós-graduação em psicanálise da UERJ pela valiosa transmissão e pela participação na minha formação.

Aos meus pais, Zoia e Nelson, pela amizade, consideração e respeito. Por terem, em todos os momentos, apostado nos meus desejos e me incentivado a escolher e seguir meus próprios caminhos.

A Vivian Ligeiro, um agradecimento especial e com licença poética: obrigada por parar o tempo com seu sorriso, pela cumplicidade, pela doçura singular com que abraça meus olhares roucos, pelo encontro de almas, pela presença forte e espontânea, pela ausência frágil e corajosa, por me inspirar, por rir de mim e comigo e, enfim, por dar à saudade um sabor comovido de alegria.

Aos colegas do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise pelas trocas que me estimularam e me incentivaram nesse projeto.

A todos aqueles que, embora não citados nominalmente, contribuíram direta e indiretamente para a execução deste trabalho.

"Repetir repetir — até ficar diferente.
Repetir é um dom do estilo".

Manoel de Barros

RESUMO

OLIVEIRA, Paula Maribondo. *Repetição: um conceito fundamental da psicanálise*. 2019. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Programa de pós-graduação em psicanálise. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo suscitar uma reflexão sobre o conceito de repetição e suas implicações na clínica psicanalítica das neuroses. Tem a proposta de investigar os diferentes momentos do conceito de repetição em Freud, como ele foi abordado por Lacan e qual a relação que pode ser estabelecida entre eles. Utiliza como mola propulsora indagações sobre o que se repete na vida do sujeito e o porquê da repetição de algo que causa um profundo mal-estar. Almeja possibilitar algumas reflexões sobre esse conceito central, tanto em sua dimensão teórica quanto clínica. O primeiro capítulo, dedica-se ao estudo da teoria freudiana das pulsões e discute a relação entre a pulsão e a sexualidade. No segundo capítulo, apresenta-se a vinculação da repetição com a transferência e a resistência e sua dimensão de *acting out*, que revela a fantasia inconsciente. Além disso, analisa a relação estabelecida por Freud entre recordar e repetir. O terceiro capítulo aborda as ideias que Freud desenvolve sobre a pulsão de morte, destacando a compulsão à repetição como sua expressão clínica privilegiada. Além disso, ressalta a importância do movimento de Lacan ao elevar a repetição à condição de conceito fundamental. Para tanto, apresenta como Lacan retoma o conceito de repetição, a partir de dois aspectos: o *Autômaton*, vinculado ao simbólico, e a *Tiquê*, associada ao real. Contempla-se, ainda, suscitar uma reflexão sobre a repetição como possibilidade de ferramenta no tratamento analítico.

Palavras-chave: Psicanálise. Repetição. Pulsão. *Tiquê*. *Autômaton*.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Paula Maribondo. *Repetição: um conceito fundamental da psicanálise*. 2019. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Programa de pós-graduação em psicanálise. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This master's research aims at provoking a reflection on the concept of repetition and its implications in the psychoanalytic clinic of the neuroses. It has the proposal to investigate the different moments of the concept of repetition in Freud, as he was approached by Lacan and what relationship can be established between them. It uses as a propulsive spring questions about what is repeated in the life of the subject and why the repetition of something that causes a deep discomfort. It aims to provide some reflections on this central concept, both in its theoretical and clinical dimensions. The first chapter is devoted to the study of the Freudian theory of drives and discusses the relationship between the drive and sexuality. In the second chapter, we present the connection of repetition with transference and resistance and its dimension of acting-out, which reveals unconscious fantasy. Moreover, analyzes the relation established by Freud between remembering and repeating. The third chapter deals with the ideas that Freud develops about the death drive, emphasizing the compulsion to repetition as its privileged clinical expression. In addition, emphasizes the importance of Lacan's movement by raising repetition to the condition of fundamental concept. To do so, it presents how Lacan retakes the concept of repetition, from two aspects: the Automaton, linked to the symbolic, and the Tiquê, associated with the real. It is also contemplated to raise a reflection about repetition as a tool in analytical treatment.

Keywords: Psychoanalysis. Repetition. Drive. Tiquê. Automaton.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. TRIEB	11
1.1 Pulsão e sexualidade	12
1.2 Primeiro dualismo pulsional	15
1.3 Narcisismo	17
1.4 As pulsões e seus destinos	21
1.5 Segundo dualismo	27
2. REPETIÇÃO E PULSÃO SEXUAL	31
2.1 Transferência e repetição	32
2.2 Fantasia e <i>acting-out</i>	36
2.3 Recordar, repetir e elaborar	39
3. REPETIÇÃO E PULSÃO DE MORTE.....	45
3.1 A repetição além do princípio do prazer	45
3.2 <i>Tique e Autômaton</i>.....	54
CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

A clínica é fundamental para se pensar as mais diversas questões colocadas pela teoria da psicanálise. Considerá-la como uma disciplina teórica é passar ao largo da sua função primordial, já que se trata de uma práxis em cujo movimento a teoria é reinventada. A psicanálise tem seu discurso próprio e traz em seus fundamentos uma radicalidade.

Há algo presente no homem que não se harmoniza com as leis da cultura e da civilização, colocando-o em permanente movimento e desassossego. Esse algo se encontra no registro das pulsões. Desde sempre órfão e rompido com a mãe natureza, o homem é regido pelo desejo, e este é, por definição, excessivo, busca um objeto que não há, nunca houve ou haverá.

A psicanálise possibilita levar o sujeito a se confrontar com sua condição mais verdadeira: a falta originária. Para atingir este objetivo, o analista irá trabalhar com a transferência e a resistência. O interesse em estudar as resistências que se manifestam na clínica nos levou a desenvolver uma pesquisa sobre “As três dimensões clínicas da resistência na obra de Freud” durante o Curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental (CEPSAM), realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesta, trabalhamos o conceito de resistência e sua relação com o recalque, a transferência e a repetição. Esta última, a repetição, hoje se torna tema central de nosso estudo, pois nossa proposta é investigar os diferentes momentos do conceito de repetição em Freud, como ele foi abordado por Lacan e qual a relação que podemos estabelecer entre eles. Assim, o objetivo desta pesquisa é suscitar uma reflexão sobre o conceito de repetição e suas implicações na clínica psicanalítica das neuroses.

Utilizaremos como mola propulsora para esta investigação indagações sobre o que se repete na vida do sujeito e o porquê da repetição de algo que causa um profundo mal-estar. Portanto, queremos propor um estudo para compreendermos melhor o motivo do sujeito repetir. O que ele repete? Como ele repete? Almejamos possibilitar algumas reflexões sobre esse nosso conceito central, tanto em sua dimensão teórica quanto clínica. Desta forma, esta pesquisa será dividida em três capítulos.

No primeiro, nos dedicaremos ao estudo da teoria freudiana das pulsões na consideração de que a pulsão se expressa, na clínica, através da repetição. Para tanto, começaremos seguindo os caminhos de Freud, a partir de 1905, quando discute a relação entre a pulsão e a sexualidade. Apresentaremos como ele elabora seu primeiro dualismo, em 1910, ao propor a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu ou de autoconservação. Exporemos como Freud, em 1920, realiza uma revisão da primeira teoria pulsional ao juntar as pulsões sexuais e as pulsões do Eu,

nomeando-as de pulsões de vida, em oposição à pulsão de morte. Freud irá esclarecer do que se trata a compulsão à repetição em seu caráter mais radical, pois é o caráter pulsional da compulsão à repetição que vai apontar para a existência da pulsão de morte.

No segundo capítulo, iremos apresentar a relação entre a repetição, a transferência e a resistência, evidenciada no texto de Freud *A dinâmica da transferência*, de 1912. Depois, trabalharemos a repetição em sua dimensão de *acting out*, que revela a fantasia inconsciente. Além disso, analisaremos a relação estabelecida por Freud entre recordar e repetir, que verificamos, sobretudo, a partir do texto *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914. Este é um momento em que a repetição é compreendida como repetição na transferência, vinculada ao princípio de prazer e, portanto, à pulsão sexual.

Já o terceiro capítulo será iniciado por uma breve exposição sobre o trauma em seus dois tempos lógicos, a fim de fundamentar o que Freud desenvolveu acerca da pulsão de morte. A seguir, trabalharemos o texto *O estranho* (1919) como precursor das ideias que Freud trabalhou em seu texto *Além do princípio de prazer* (1920). Desta forma, observaremos que a compulsão à repetição pode ser pensada como expressão clínica da pulsão de morte.

Veremos a importância do movimento de retorno a Freud que Lacan empreendeu e, também, por ter, no livro 11 de seu *Seminário*, elevado a repetição à condição de conceito fundamental. Assim, apresentaremos de modo sucinto a maneira que, em um primeiro momento, Lacan discorre sobre a repetição em sua face simbólica, no *Seminário sobre "A carta roubada"* (1956/1998), apresentando a compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*) como a insistência da cadeia significante. Abordaremos também como Lacan retoma o conceito de repetição a partir de dois aspectos: o *Autômaton*, vinculado ao simbólico, e a *Tiquê*, associada ao real.

A repetição aparece, a todo momento, na clínica psicanalítica. Por isso queremos suscitar uma reflexão sobre este fenômeno como possibilidade de ferramenta no tratamento analítico, na consideração de que ele pode ser compreendido como apontamento de recalque. Dessa maneira, podemos pensar que o analisando vai repetir em análise e que a repetição é bem-vinda e, muitas vezes, comparece endereçada ao analista, podendo orientar o vetor da intervenção, pois coloca na cena analítica o movimento pulsante do inconsciente.

1. *TRIEB*

É a teoria das pulsões, desenvolvida por Freud, que irá nos nortear para dar início a um estudo sobre o conceito de repetição e suas manifestações no decurso de uma análise. Estamos interessados nas diversas abordagens feitas por Freud, em diferentes momentos, do conceito de pulsão. Por isso, nossa investigação começa pelo aspecto econômico na concepção freudiana do aparelho psíquico.

Ao retomar os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (inconsciente, repetição, transferência e pulsão), eleitos por Lacan (1964), Jorge (2010) aponta a estreita relação entre eles ao promover dois importantes emparelhamentos. Por um lado, temos o inconsciente e a pulsão como os dois conceitos fundamentais referentes à teoria psicanalítica, aos quais não temos acesso diretamente. Por outro, o autor coloca a transferência e a repetição na condição de conceitos clínicos fundamentais, através dos quais podemos ter acesso aos dois primeiros.

Assim, a transferência dará acesso à realidade do inconsciente, ou seja, constitui-se como veículo de acesso ao saber inconsciente. A transferência é, na verdade, a transição desse tipo saber para o analista, justificando a dimensão transferencial, descrita por Lacan, como sujeito suposto saber. Esta suposição, feita pelo paciente ao analista, permite o acesso à dimensão de saber própria do inconsciente.

A repetição mostra-se como uma dimensão clínica privilegiada da pulsão, sobretudo em seu aspecto radical: a pulsão de morte, e revela a insistência da pulsão em sua busca de satisfação que jamais será realizada por completo. A insatisfação da pulsão persiste, principalmente porque ela é incapaz de obter o objeto que a satisfaria totalmente. É em torno dessa falta radical de objeto que o circuito pulsional desdobra-se. Jorge (2010) destaca, a partir de Lacan, a pulsão de morte como a essência de toda pulsão, dado que, mesmo sob a faceta de Eros, o que ela insiste em obter é a satisfação absoluta.

Assim sendo, nos dedicaremos, nesse primeiro capítulo, ao estudo da pulsão para melhor compreendermos sua expressão clínica, que é o tema de nosso trabalho: a repetição.

1.1 Pulsão e sexualidade

O termo “pulsão” (*Trieb*) aparece em textos de Freud anteriores a 1905, mas é neste ano que Freud o introduz em sua teoria como conceito, ao publicar o texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Vale ressaltar que Freud, nesse momento, delimita a pulsão no sentido sexual, não a abordando de outras formas como fez mais tarde. Ele a define como um conceito que se situa na fronteira entre o psíquico e o somático.

A mais simples e imediata suposição sobre a natureza das pulsões seria que elas não possuem qualidade nenhuma em si, devendo ser consideradas apenas como medida da exigência de trabalho feita à psiquê (FREUD, 1905/2016, p.67).

Desse modo, a pulsão seria o “representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir” (FREUD, 1905/2016, p.66). E essa força constante da pulsão (*Konstant Kraft*) distancia qualquer possibilidade de considerá-la uma função biológica.

Aqui se faz necessário chamar atenção para que, em algumas traduções da obra de Freud, o termo *Trieb* foi traduzido por instinto, o que pode levar a uma compreensão equivocada. Ao falar de instinto (*Instinkt*), ele se refere a um comportamento fixo e cíclico determinado por uma hereditariedade em animais de uma mesma espécie.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud relaciona diretamente a noção de pulsão à sexualidade, sobretudo a partir do conceito de libido, que define como:

(...) uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transposições ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Considerando a sua origem especial, diferenciamos essa libido da energia que deve subjazer aos processos psíquicos em geral, e assim lhe emprestamos também um caráter qualitativo (FREUD, 1905/2016, p.135).

A pulsão, como nos apresenta Freud, tem como elemento principal uma especificidade parcial, caracterizada por uma fonte pulsional que se relaciona com as excitações de certas partes do corpo (oral, anal, fállica e genital), por um alvo (que seria a descarga do excesso de tensão) e por um objeto variável e contingente (JORGE, 2000). É precisamente esta desobrigação da pulsão com relação ao objeto, esta variabilidade do mesmo, que vai permitir diferenciá-la claramente da noção de instinto, sobre a qual se baseava o saber da época sobre a sexualidade.

É a partir da investigação do que era entendido como aberrações e perversões sexuais que Freud subverte este saber vigente em sua época. Tal discussão foi suscitada pelos trabalhos

de Krafft Ebing¹ e Havelock Ellis², sexólogos contemporâneos a Freud, que se propuseram a debater várias questões as quais Freud retoma no primeiro ensaio, tais como: a inversão, a masturbação, a defesa da noção de degenerescência, entre outras (ROUDINESCO, 1998).

Freud demonstra, ao introduzir o conceito de pulsão, que a sexualidade humana é, originariamente, aberrante e perversa pela ausência de um padrão fixo e invariável de comportamento sexual e da independência de uma função biológica que visa a reprodução e a manutenção da espécie: “Assim, a extraordinária difusão das perversões nos obriga a supor que também a predisposição às perversões não é uma peculiaridade rara, e sim parte da constituição julgada normal” (FREUD, 1905/2016, p.71). E afirma que:

(...) há algo congênito na base das perversões, mas algo *que todos os seres humanos têm em comum*, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida (FREUD, 1905/2016, p.71, grifo do autor).

Depreendemos do texto freudiano uma priorização no tocante à plasticidade pulsional em fenômenos relacionados à sexualidade. Freud ressalta que a pulsão se expressa de modo fragmentado e polimórfico, nos chamando a atenção para que a suposta constituição “que apresenta os germens de todas as perversões, poderá ser evidenciada apenas nas crianças (...)” (FREUD, 1905/2016, p.72).

Freud não começou sua pesquisa com a observação direta das crianças, suas ideias a respeito da sexualidade infantil são colhidas a partir do relato de suas pacientes histéricas. Isso possibilitou a ele relacionar a amnésia infantil com a amnésia histérica, e até mesmo declarar que “quem resolver esse enigma [da amnésia infantil] terá também esclarecido a amnésia histérica” (FREUD, 1905/2016, p.77). Achamos importante destacar que o recalque está intimamente associado à amnésia infantil, onde as

(...) impressões que esquecemos deixaram, todavia, os mais profundos traços em nossa vida psíquica, e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior (FREUD, 1905/2016, p.76).

Freud apresenta a noção de pulsões parciais, que se especificam por suas fontes (zonas erógenas) e alvos, e que esta se refere à forma como a pulsão se manifesta na sexualidade infantil. Ocorre que, ao acompanharmos Freud neste texto, devemos considerar sua enunciação

¹ Psiquiatra alemão que introduziu em sua obra os conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual.

² Médico e psicólogo britânico que estudou a sexualidade humana.

de que a sexualidade infantil, marcada pela disposição perversa polimorfa, passa a ser o modo como ele nomeia a sexualidade singular ao saber da psicanálise. A disposição perverso-polimorfa é assim nomeada por Freud por se referir à capacidade da criança de ser induzida a todos os tipos de transgressões possíveis, no que se refere à satisfação sexual, cuja execução ainda não encontra resistências efetivas (FREUD, 1905/2016).

A atividade sexual infantil tem como fonte as zonas erógenas, caracterizadas por Freud como “uma parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade” (FREUD, 1905/2016, p.87). Ele ressalta que existem “zonas erógenas predestinadas” (FREUD, 1905/2016, p.88), partes do corpo mais susceptíveis a desencadear sensações prazerosas, como a boca, o ânus, o mamilo e a genitália. Essas zonas predestinadas podem ser, de maneira ocasional, estimuladas por fatores externos (como o cuidado da mãe em relação à alimentação e higiene) ou internos (pruridos em determinadas regiões, trânsito de vermes ou o conteúdo intestinal que estimulam a região do ânus).

No período de latência, as moções pulsionais, que antes encontravam escoamento a partir das zonas erógenas (oral, anal, fálica e genital), sofrem uma suspensão, sendo desviadas do uso propriamente sexual para outros fins ligados às atividades sociais e culturais. Nesse período surgem os diques, ou inibições sexuais, que seriam o asco, a vergonha e as exigências estéticas e morais que se colocam como um entrave ao livre curso da pulsão sexual.

Portanto, a sexualidade infantil, colocada em grande destaque por Freud em *Três ensaios*, não pode ser compreendida como um tipo de sexualidade imatura que se oporia à sexualidade adulta, completa e madura. A sexualidade infantil aponta para a natureza geral da sexualidade humana, marcada pela incompletude, parcialidade e pela falta radical de um objeto.

O autoerotismo, também abordado por Freud em *Três Ensaios* (1905), refere-se a um estágio durante o qual a pulsão sexual não se dirige a outra pessoa, mas satisfaz-se no próprio corpo, mais especificamente em suas zonas erógenas. Freud utiliza como exemplo *princeps* do autoerotismo o chuchar da criança (sugar com deleite, ritmicamente, algum objeto externo ou mesmo uma parte do próprio corpo, excluindo qualquer propósito de nutrição).

Essencialmente, o autoerotismo é caracterizado pela utilização de uma parte do próprio corpo e por ser independente do objeto externo e de qualquer finalidade de autoconservação. Contudo, o prazer sexual autoerótico já é herança de um prazer obtido pelos cuidados maternos, ou seja, o prazer obtido em seu próprio corpo é determinado por um outro já vivenciado que estivera relacionado a autoconservação. Freud antecipa o que vai desenvolver em seu primeiro dualismo pulsional ao demonstrar que “a atividade sexual se apoia primeiro numa das funções

que servem à conservação da vida, e somente depois torna-se independente dela” (FREUD, 1905/2016, p.86).

De acordo com Heloisa Caldas (2015), diferente de uma concepção orgânica, o corpo só pode ser pensado na condição de falante, ou seja, atravessado pelo simbólico. O corpo nasce, portanto, de duas dimensões: da carne e da linguagem, espaços que Freud qualifica como interno e externo, enquanto Lacan o pensa moebianamente como extimidade: o íntimo indissociado do externo. Assim, Freud se localiza na dimensão espacial euclidiana, que Lacan coloca em questão ao final de seu ensino. Em contraposição aos objetos euclidianos, que exigem a quantificação matemática, a topologia revela a dimensão não tangível e resistente a representação e matematização (MAGNO, 1986).

1.2 Primeiro dualismo pulsional

Em 1910, no texto *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, ao introduzir o conceito de “pulsão do Eu”, Freud formula seu primeiro dualismo pulsional. O conflito psíquico se faz, neste momento, entre a pulsão sexual, a serviço da sexualidade, e a pulsão do Eu, a serviço da autopreservação.

Verificamos que cada pulsão procura se impor mediante a vivificação das ideias condizentes com suas metas. Nem sempre essas pulsões são compatíveis entre si; com frequência têm conflitos de interesses, as oposições das ideias são apenas expressão das lutas entre as pulsões que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e os outros, que têm por meta a autoconservação do indivíduo, as pulsões do Eu. (FREUD, 1910/2013, p.317-318).

Freud utiliza o exemplo da perturbação psicogênica da visão – cegueira histérica – para apresentar a formulação da gênese dos distúrbios desta espécie sob a influência dos métodos de investigação da psicanálise. Segundo ele, a sugestão de um hipnotizador não é resultante do que, no histérico, surge como “a ideia de estar cego” (FREUD, 1910/2013, p.314), já que ela comparece espontaneamente:

Experimentos engenhosos demonstraram que os cegos históricos veem em determinado sentido, ainda que não no sentido pleno. Estímulos do olho cego podem produzir certas consequências psíquicas, despertar afetos, por exemplo, apesar de não se tornarem conscientes. Portanto, os histericamente cegos são cegos apenas para a consciência, enxergam no inconsciente. São observações desse tipo que nos fazem distinguir entre processos psíquicos conscientes e inconscientes (FREUD, 1910/2013, p.315).

Portanto, a cegueira histórica é resultante “de uma dissociação entre os processos inconscientes e conscientes no ato de ver” (FREUD, 1910/2013, p.316). Percebemos aqui, o emprego de Freud do termo “dissociação”, amplamente utilizado pela psiquiatria, definido por Pierre Janet³ como um mecanismo defensivo diante de um trauma. Freud retira o valor patológico deste termo, aproximando-o da psicopatologia da vida cotidiana, indicando a divisão inerente ao sujeito entre o desejo e a censura, entre o consciente e o determinismo inconsciente. Embora Freud não tenha conceituado a categoria de sujeito dividido, tal como Lacan, sua própria noção de inconsciente já aponta para essa característica de divisão na vida psíquica. Conforme explica Elia (2004), o sujeito não é uma instância localizável na experiência empírica, mas um operador que se impõe ao analista, apresentando-se como um efeito da linguagem e, portanto, evanescente e pontual.

Podemos apreender, neste texto, que as perturbações psicogênicas da visão são consequências do recalque de ideias relativas a esse sentido e que “tais ideias entraram em oposição a outras mais fortes” (FREUD, 1910/2013, p.317), situadas no Eu e submetidas ao recalque. Nos parece que essas perturbações podem ser esclarecidas a partir do conflito pulsional. Para Freud, ocorre uma erogeneização do aparelho da visão e as exigências excessivas da pulsão sexual resultam na convocação das defesas do Eu. Este último desvia essas exigências, ao se sentir ameaçado, através do recalque.

Freud nos mostra como as pulsões sexuais e as pulsões do Eu, podem se apropriar dos mesmos órgãos. Ele destaca o exemplo da boca que pode ter tanto a função de comer, e com isso estaria servindo à pulsão de autoconservação, como também a função de beijar e, nesse caso, estaria a serviço da pulsão sexual (FREUD, 1910/2013, p.319). E a respeito dos olhos, ele esclarece que estes

(...) percebem não apenas as alterações no mundo exterior, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os tornam elegíveis como objetos de amor — seus encantos (FREUD, 1910/2013, p.319).

Então, quando a pulsão sexual se serve do olhar para alcançar prazer sexual, ela pode convocar a ação defensiva das pulsões do Eu. Isto ocorre, afirma Freud, em consequência de “exigências excessivas [provenientes da pulsão sexual], de modo que as ideias, em que se exprimem seus desejos, sucumbem ao recalque e são mantidas longe da consciência(...) O Eu

³ Médico e psicólogo francês, teórico do automatismo psicológico, um dos principais mestres da segunda psiquiatria dinâmica e rival teórico de Freud (ROUDINESCO, 1998).

nada quer mais enxergar, desde que os interesses sexuais em ver adquiriram tamanho relevo” (FREUD, 1910/2013, p.320).

As pulsões sexuais, sob a égide do princípio de prazer, não conseguem obter satisfação a não ser parcialmente e, neste momento da obra de Freud, tornam-se uma ameaça para o Eu.

Vale lembrar que, em 1905, Freud já trazia a ideia de conflito pulsional, mesmo sem utilizar a expressão “pulsões de autoconservação”, e elaborou o conceito de apoio (*Anlehnung*), onde descreve a relação das pulsões sexuais com as funções corporais vitais. Dessa maneira, as pulsões sexuais se apoiariam nas funções corporais que servem à conservação da vida. E as funções corporais forneceriam sua fonte ou zona erógena à sexualidade.

No entanto, Jorge (2000) ressalta a ideia de Lacan (sobre essa hipótese freudiana) que nos fala a respeito da impossibilidade de abordar essas funções vitais como pulsões de autoconservação. Essas funções estariam referidas ao nível da necessidade biológica, apresentando objetos invariáveis e preestabelecidos:

Pode-se até dizer, ao contrário, que longe de as pulsões sexuais virem a se apoiar naquelas de autoconservação, são estas que, na verdade, se apoiam naquelas: a especificidade do humano implica precisamente que o funcional seja subvertido de modo constante pelo pulsional (JORGE, 2000, p.48).

Então, é pela impossibilidade de se separar algo que se refira exclusivamente à autoconservação do sujeito, sem que esteja atravessado pela sexualidade, que Freud vai se distanciando deste primeiro dualismo. Aos poucos, este vai cedendo lugar para um segundo, como veremos mais adiante. Para tanto, é necessário abordarmos o conceito de narcisismo como momento intermediário fundamental.

1.3 Narcisismo

A utilização do termo “narcisismo” tem sua origem na cultura grega e expressa o amor do indivíduo por si mesmo. No final do século XIX, segundo Roudinesco e Plon (1998), o seu emprego foi acrescentado ao discurso científico, mais precisamente à sexologia, para denominar “uma perversão sexual caracterizada pelo amor dedicado pelo sujeito a si mesmo” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.530).

O termo foi descrito por Alfred Binet (1857-1911), em 1887, como uma forma de fetichismo e consistiria em tomar a própria pessoa como objeto sexual. Foi Havelock Ellis (1859-1939), médico e escritor inglês, quem fez, em 1898, uma primeira referência ao mito de

Narciso relacionado a um comportamento perverso. Em 1899, o criminologista e psiquiatra alemão Paul Näcke (1851-1913), ao comentar o artigo de Ellis, inclui o termo narcisismo na psiquiatria, qualificando um estado de amor por si próprio que constituiria uma categoria de perversão. Diferente deste último, em 1908, Isidor Sadger (1867-1942), médico e psicanalista austríaco, fala do narcisismo como uma modalidade de escolha de objeto nos homossexuais, mas não o considera como uma perversão e, sim, “como um estágio normal da evolução psicosexual do ser humano” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.530).

A partir de suas formulações sobre o narcisismo, Freud começa a rever seu primeiro dualismo pulsional. Em seu texto *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud não expõe um novo dualismo, mas aponta um momento decisivo no qual o Eu não teria apenas o caráter de autopreservação, mas também pode ser objeto de investimento libidinal. Esta proposta abala a oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, expressa no primeiro dualismo, embora não tenha sido substituída imediatamente.

Em 1911, esta concepção já é esboçada no texto *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia*, que trata do caso de Daniel Paul Schreber. Em sua tentativa de elaboração do papel fundamental do desejo homossexual na gênese da paranoia, Freud (1911/2010) descreve o narcisismo como um estágio do desenvolvimento situado entre o autoerotismo e o amor objetal, durante o qual o indivíduo toma seu próprio Eu como objeto amoroso, para, apenas num momento posterior, dirigir-se aos objetos externos.

Para descrever o narcisismo, Freud afirma estar apoiado em pesquisas recentes, referindo-se a Isidor Sadger e à sua própria formulação do primeiro dualismo pulsional, a qual foi profundamente abalada pela introdução do conceito de narcisismo na teoria psicanalítica.

Freud (1911/2010) demonstra que algumas pessoas podem demorar um tempo demasiadamente longo neste estágio ou transportar características narcísicas para os estágios posteriores do desenvolvimento. Como, por exemplo, no caso do homossexual que, ao se dirigir a um objeto externo, o escolhe com base em seus próprios órgãos genitais e não renuncia a essa escolha. Contudo, Freud indica que mesmo as pessoas cuja escolha é heterossexual, o componente homoerótico atua de forma importante na construção das relações sociais, de amizade e de camaradagem.

Freud (1911/2010) se utiliza da noção de fixação, já explorada em *Três ensaios*, para descrever a possibilidade de a pessoa não se liberar do narcisismo, o que pode operar como uma disposição para uma enfermidade posterior, como a paranoia. Nesta, o sujeito se esforça para se proteger contra uma excessiva sexualização de seus investimentos pulsionais sociais, não

possibilitando sublimações. Dessa forma, Freud relaciona a paranoia à fixação de uma cota de libido narcísica que retorna de forma regressiva, ou seja, ao invés de caminhar rumo ao amor objetal, a libido se fixa no estágio do narcisismo, encontrando expressão em uma fantasia homossexual. O caso de Schreber se apresenta como um paradigma deste mecanismo paranoico, no qual a paranoia surge como uma defesa a proposição “eu (um homem) o amo” (FREUD, 1911/2010, p.84), que se declina, por projeção em “eu não *o amo* – eu *o odeio*, porque ele me persegue” (FREUD, 1911/2010, p.84, grifo do autor).

Em 1914, no texto *Introdução ao narcisismo*, ao se questionar sobre a relação entre o autoerotismo e o narcisismo, Freud (1914/2010) alega que, mesmo que as pulsões autoeróticas possam ser encontradas no indivíduo desde o início, o Eu tem que ser desenvolvido. Uma nova ação psíquica é acrescentada ao autoerotismo para que este ceda lugar ao narcisismo.

Freud descreve a antítese entre a libido do Eu e a libido objetal. Já que a libido se refere ao quantum de energia psíquica, ou, a “expressão anímica da pulsão sexual” (GARCIA-ROZA, 1995, p.34), seu caráter quantitativo permite pensar nestes dois tipos de distribuição: para o Eu ou para o objeto. Quanto mais uma é empregada, a outra é esvaziada, como demonstra Freud (1914/2010) com o exemplo da paixão, na qual há um esvaziamento de libido do Eu em detrimento de um aumento da libido objetal. Porém, nas pessoas enfermas, na hipocondria e nos estados melancólicos, ocorre o inverso: tanto a pessoa enferma como o hipocondríaco retiram seus investimentos libidinais de seus objetos amorosos e voltam para suas sensações aflitivas, sejam elas orgânicas, no caso do primeiro, ou fantasiosas, no caso do segundo.

É importante destacar o texto *Luto e melancolia*, publicado por Freud em 1917, que, segundo Jorge (2010), consiste na mais importante das articulações clínicas em consequência do texto sobre o narcisismo. A partir da diferenciação entre a libido do Eu e a libido do objeto, Freud pôde trabalhar sua percepção clínica da melancolia e sua diferença em relação ao luto.

Neste texto, Freud (1917/2006) faz uma correlação entre o trabalho de luto normal e a melancolia, definindo-os como estados que se seguem à perda de um objeto de amor. Os dois casos, tanto o luto quanto a melancolia, manifestam características muito semelhantes. Freud (1917/2006) esclarece que a superação da perda, no luto normal, é realizada aos poucos e em direção ao desligamento do objeto perdido. Na melancolia, isto não ocorre, há um fracasso nesse processo, como uma reação patológica à perda.

Na melancolia, quando o objeto eleito cai, o Eu continua investindo naquele lugar vazio e sofre um esvaziamento de libido. Assim, o Eu fica enfraquecido para lidar com as reivindicações pulsionais advindas do Isso e com um Supereu severo e cruel.

Para Freud, um processo de elaboração do luto resultará em seu término, possibilitando que a pessoa possa estabelecer outros vínculos e realizar novos investimentos libidinais. O melancólico fica impedido de estabelecer novas ligações já que prolonga a vinculação a este objeto perdido.

Freud destaca que a perda, na melancolia, toma um rumo diferente do luto. A melancolia envolve a ambivalência na relação com o objeto perdido, a identificação com este, e o sentimento de culpa e a autoagressão a que o Eu é infligido.

Além disso, o melancólico nos mostra uma característica ausente no luto: a extraordinária depreciação do sentimento-de-si, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, foi o próprio Eu que se empobreceu. O doente nos descreve seu Eu como não tendo valor, como sendo incapaz e moralmente reprovável. Ele faz autocensuras e insulta a se mesmo e espera ser rejeitado e punido. FREUD, 1917/2006, p.105).

Freud afirma que a identificação é o mecanismo que caracteriza tanto o luto normal quanto a melancolia, pois ela está na base das escolhas objetais:

Em outra ocasião, já havíamos demonstrado que a identificação é o estágio que antecede a escolha do objeto. Trata-se de uma primeira etapa – aliás, bastante ambivalente em sua forma de manifestação – de como o Eu escolhe os objetos. O Eu quer incorporar esse objeto e para tal, em conformidade com a fase oral, ou canibalística, do desenvolvimento da libido, deseja devorá-lo (FREUD, 1917/2006, p.109).

Como vimos, a elaboração do luto possibilita o desligamento do objeto e a reconquista da aptidão de investir. Ocorre que, na melancolia, esse desligamento não se realiza e o objeto recai como uma sombra sobre o Eu (FREUD, 1917/2006).

O que se seguiu foi que o investimento de carga no objeto se mostrou pouco resistente e firme e foi retirado. A libido então liberada, em vez de ser transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá, essa libido não foi utilizada para uma função qualquer, e sim para produzir uma identificação do Eu com o objeto que tinha sido abandonado (FREUD, 1917/2006, p.108, grifo do autor).

Na melancolia há um grande dispêndio de energia na manutenção desta identificação, impossibilitando a renúncia do objeto perdido e novos investimentos amorosos. Freud assinala que o “complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta, absorvendo de todos os lados a energia de investimento para si – (...) – e esvazia o Eu até seu total empobrecimento” (FREUD, 1917/2006, p.111).

Antes de estabelecer um novo dualismo pulsional em sua teoria, Freud escreve *As pulsões e seus destinos* (1915), um importante artigo metapsicológico sobre as pulsões, no qual traz elementos novos para a compreensão deste conceito.

1.4 As pulsões e seus destinos

Em *As pulsões e seus destinos* (1915), podemos perceber que Freud assinala sua busca pelo rigor científico no avanço dos conceitos metapsicológicos e também expressa a importância e o desejo de definir seus conceitos fundamentais ao destacar a pulsão entre eles. Partindo da fisiologia, ele relaciona a pulsão com o conceito de estímulo, mas vai diferenciar o primeiro do segundo sustentando que a pulsão vem de dentro do próprio organismo e os outros estímulos vêm do exterior. Por isso, a atuação da pulsão no aparelho psíquico é diferente dos estímulos. Os últimos atuam como um impacto único e podem ser neutralizados através de uma ação adequada (fuga). Dessa maneira, Freud nos adverte que “a pulsão (...) jamais atua como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma *força constante*. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela” (FREUD, 1915/2015, p.19, grifo do autor).

Portanto, não há como fugir das pulsões, já que elas abrangem o funcionamento psíquico. Freud conserva, como já vimos, uma relação estreita e específica entre o corpo e a mente, que o conceito de pulsão possibilita.

(...) a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal (FREUD, 1915/2015, p.24-25).

Freud apresenta a pulsão a partir de quatro elementos: a pressão ou força (*Drang*), a meta ou alvo ou objetivo (*Ziel*), o objeto (*Objekt*) e a fonte (*Quelle*). Lembrando que três desses termos (alvo, fonte e objeto) já haviam sido apresentados em *Três Ensaio* (1905) e, neste momento, Freud (1915) define a pressão (*Drang*) como o quarto termo.

Assim, a pressão (*Drang*) é o fator motor, a força da pulsão, “caráter impelente” (FREUD, 1915/2015, p.25), que a caracteriza, visto que esta não é uma força momentânea e, sim, uma força constante (*Konstant Kraft*) que incide como exigência de trabalho no psiquismo.

O alvo (*Ziel*) da pulsão é sempre sua satisfação que “só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional” (FREUD, 1915/2015, p.25). Como Freud observa, as pulsões podem ser inibidas em sua finalidade e que, mesmo assim, podemos supor que a ela “esteja ligada uma satisfação parcial” (FREUD, 1915/2015, p.25).

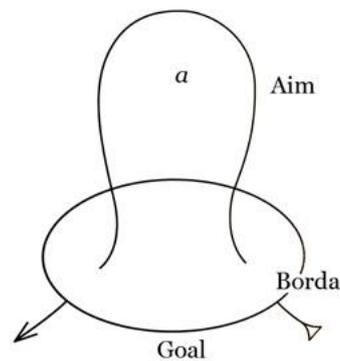
O objeto (*Objekt*) é o elemento através do qual a pulsão pode alcançar seu alvo e é o mais variável possível, podendo ser material, imaterial e até uma parte do corpo do próprio sujeito.

A fonte (*Quelle*) pulsional é um “processo somático em um órgão ou parte do corpo” (FREUD, 1915/2015, p.27), e cujo estímulo tem uma representação pulsional na vida psíquica do sujeito.

Como não há um objeto que possa satisfazer completamente a exigência pulsional, o que se destaca é a característica parcial da satisfação. Pelo objeto ser contingente e variável, existirá sempre uma lacuna, um hiato, entre a satisfação requerida e a adquirida. Achamos importante abordar o que Lacan, em *O seminário, livro 11* (1964), traz do objeto *a* no tocante ao circuito da satisfação pulsional.

O que é fundamental no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura. (...) Freud nos apresenta como assentado que parte alguma do percurso da pulsão pode ser separada de seu vaivém, de sua reversão fundamental do seu caráter circular (LACAN, 1964/2008, p.175).

Ao refletir sobre qual é o lugar do objeto *a*, causa do desejo, na satisfação pulsional, Lacan nos diz que este é contornado pela pulsão e que ele “é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido” (LACAN, 1964/2008, p.176). Segundo Jorge (2000), “(...) o esquema da pulsão fornecido por Lacan representa o circuito pulsional realizando o tangenciamento do objeto, que é circundado enquanto **elemento faltoso**” (JORGE, 2000, p.51, grifo do autor).



Acima, encontramos ilustrado o gráfico do circuito pulsional descrito por Lacan. Podemos considerar a fonte (*Quelle*), zonas erógenas pulsionais, como a “Borda”, “na medida em que a *Quelle* inscreve na economia da pulsão essa estrutura de borda” (LACAN, 1964/2008, p.169). O “*Aim*” é o trajeto da pulsão que contorna o objeto *a*, e o “*Goal*” é o alvo ou meta.

Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito (LACAN, 1964/2008, p.176).

Lembrando que o objeto não é apresentado como um objeto que satisfaria completamente a pulsão e, sim, como objeto faltoso, e por isso a compreensão de que a pulsão o contorna e jamais poderá tocá-lo. Como afirma Lacan, ao se referir às primeiras experiências de satisfação enquanto ressalta a impossibilidade do resgate de uma experiência mítica de satisfação absoluta: “Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante” (LACAN, 1964/2008, p.177).

Ainda na consideração do primeiro dualismo pulsional, Freud (1915/2015) refere-se aos destinos pulsionais como tipos de defesa em relação a pulsão, já que esta é impedida no seu fluxo direto, por meio das forças do Eu, à exceção de que passe por uma modificação.

Interessa ressaltar que Jorge (2000) nos lembra da afirmação de Freud que, embora a satisfação de uma pulsão seja sempre agradável, ela causaria prazer em um lugar e desprazer em outro, ao mesmo tempo. Nesse sentido, Freud distingue quatro destinos possíveis pelos quais a pulsão pode percorrer, são eles: a reversão em seu oposto, o retorno em direção à própria pessoa, o recalque e a sublimação.

Ao se referir à reversão em seu oposto, Freud apresenta dois casos diferentes. O primeiro se refere à atividade/passividade, exemplificados a partir dos pares sadismo/masochismo, voyeurismo/exibicionismo. Nestes casos, uma meta ativa é substituída por uma passiva. O segundo se refere à inversão de conteúdo, que Freud indica como um processo que só pode ser observado num caso singular: na mudança do amor em ódio (amor/ódio). Ele observa que é especialmente comum verificarmos que tanto o amor quanto o ódio podem estar dirigidos a um mesmo objeto simultaneamente e que “sua coexistência oferece o exemplo mais significativo de uma ambivalência de sentimentos” (FREUD, 1915/2015, p.49).

Ao abordar o retorno em direção à própria pessoa, Freud chama atenção para o fato de que ocorre uma substituição do objeto sem alterar a meta (alvo). Entretanto, a reversão pulsional da atividade em passividade, que ocorre na reversão em seu oposto, coincide ou converge com o retorno em direção à própria pessoa, o que torna possível Freud declarar que “(...) o masochismo é um sadismo que se voltou contra o próprio Eu, e que o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo” (FREUD, 1915/2015, p.37).

Como podemos ver, no primeiro destino abordado há uma mudança da meta e, no segundo, de objeto. São esses dois pontos que Freud (1915/2015) se propôs a desenvolver neste texto, ele afirma que não cogitou falar sobre a sublimação e que o recalque exigiria um capítulo especial.

Com efeito, o destino pulsional do recalque motiva um texto metapsicológico em 1915, o *Recalque*. Esse conceito foi introduzido por Freud a partir do fenômeno clínico da resistência, chegando a ser considerado a pedra angular da psicanálise. No começo do texto, Freud afirma que

A experiência psicanalítica com as neuroses de transferência obriga-nos ainda a concluir que o recalque não é um mecanismo de defesa já presente desde a origem, que ele nem sequer pode surgir antes que uma nítida separação se tenha estabelecido entre a atividade psíquica consciente e inconsciente, e que sua essência consiste apenas na ação de repelir algo para fora do consciente e de mantê-lo afastado deste (FREUD, 1915/2004, p.178).

O objeto do recalque não é a pulsão propriamente dita, mas um de seus representantes: o representante ideativo (ideia). Ao tratar dos destinos pulsionais, Freud se refere aos efeitos que a ideia e o afeto ligado a ela vão passar. Assim, enquanto o representante ideativo é excluído da consciência, o afeto ligado a ele, entendido como energia, como fator quantitativo da

representação pulsional, não pode ser recalçado. Portanto, o mecanismo de recalque produz uma separação entre o afeto e a ideia à qual ele pertence.

Freud (1915) apresenta três fases do processo de recalque. A primeira é o recalque originário, que recai sobre o representante psíquico (ideacional) da pulsão, negando seu acesso à consciência em função do desprazer que causaria caso se tornasse consciente. Esse processo propicia que se estabeleça uma fixação, que mantém o representante e a pulsão ligados (FREUD, 1915/2004).

Garcia-Roza (1995) esclarece que o recalque originário é precursor e condição essencial para que o recalque aconteça. Freud, ao empregar a expressão “inscrição”, busca apontar que a fixação da pulsão a seu representante não pode ser acessada pela consciência. Então, o recalque original é anterior “à constituição do inconsciente concebido como um sistema psíquico” (GARCIA-ROZA, 1995, p.178).

Somente após uma divisão do aparelho psíquico em inconsciente e pré-consciente/consciente é que o recalque poderá acontecer. Dito de outro modo, é preciso que tenha uma distinção entre o inconsciente e o consciente para que o recalque se dê.

A segunda fase do recalque é o recalque propriamente dito:

A segunda etapa do recalque, o recalque propriamente dito, refere-se a representações derivadas do representante recalçado, ou ainda àquelas cadeias de pensamentos que, provindo de outros lugares, acabam estabelecendo ligações [*Beziehungen*] associativas com esse representante. Devido a essa ligação, tais representações sofrem o mesmo destino do recalçado original (FREUD, 1915/2004, p.179).

Nessa etapa, já existe um representante psíquico inconsciente recalçado que contribui para produção de derivados psíquicos que buscam refazer o caminho de acesso à consciência. Por causa da ligação com o recalçado, esses derivados (formações substitutas) são constantemente rechaçados pelo Eu e sofrem o mesmo destino do recalçado original. Este realiza uma força de atração e uma pressão constante em direção ao consciente. O equilíbrio se sustenta mediante um contra-investimento⁴ desempenhado pelo consciente, que é a própria conservação do recalque.

É a partir da clínica, ao se deparar com os efeitos do fracasso do recalçamento, que Freud infere teoricamente o mecanismo de recalque. Ou seja, é com base na observação das

⁴ “Processo econômico postulado por Freud como suporte de numerosas atividades defensivas do Eu. Consiste no investimento pelo Eu de representações, atitudes, etc., susceptíveis de impedirem o acesso à consciência e à motilidade das representações e desejos inconscientes” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967/1988, p.144).

formações substitutas que chegamos na terceira fase apresentada por Freud: o retorno do recaiado. Este último, consiste no comparecimento do recaiado sob a forma de sintomas, assim como de sonhos, fantasias, lapsos e atos falhos.

O representante recaiado, no inconsciente, continua empenhando-se em se pronunciar e em procurar alguma expressão substitutiva que seja capaz de se manifestar, escapando à censura. Pensamos poder afirmar que os sintomas neuróticos são decorrentes do recalamento de uma ideia inconciliável à consciência e, paralelamente, do deslocamento do afeto correspondente a esta ideia. Assim sendo, o recalque não evita que o representante pulsional permaneça se organizando, no inconsciente, produzindo derivados e promovendo conexões.

Ele prolifera, por assim dizer, na escuridão e encontra formas de expressão extremas. Estas, ao serem traduzidas e apresentadas ao neurótico, não só terão que lhe parecer estranhas, mas também irão assustá-lo, ao lhe espelharem a imagem de uma força pulsional extraordinária e perigosa (FREUD, 1915/2004, p.179).

Achamos importante dar relevo à íntima relação entre a repetição e o que diz respeito ao recaiado. Veremos mais profundamente no segundo capítulo desta pesquisa que, inicialmente, em 1914, a repetição está relacionada ao princípio de prazer, como repetição na transferência e, portanto, vinculada à pulsão sexual. Aquilo que foi recaiado retorna e, por isso, repete-se. Quanto mais o analisando se aproxima do núcleo do recaiado, mais ele terá a tendência a atuar (*Agieren*) no lugar de recordar. A repetição vai comparecer, portanto, atrelada ao retorno do recaiado. Abordaremos, também, uma outra face da repetição, a partir do que comparece na obra de Freud, em 1920, ligada à pulsão de morte. Onde o que retorna não parece ter conteúdo, pelo contrário, parece um retorno do retorno (a repetição *se repete*), algo que seria da ordem do recalque originário, algo que retorna como impossível de ser dito, como irrepresentável e inapreensível, que retorna do real.

O quarto destino da pulsão, a sublimação, citado em *As pulsões e seus destinos* (1915), não ganhou um texto metapsicológico, como o recalque, mas já comparece descrita por Freud (1915/2015) como um destino muito distante das ações originais da pulsão. Nesse sentido, a sublimação está estreitamente referida a um desvio quanto ao alvo (meta), que se afasta de seus objetos de ordem sexual para se vincular a metas socialmente valorizadas e não sexuais (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967/1988).

É importante lembrarmos que Freud já salienta desde *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905) que, mesmo sendo de origem sexual, a pulsão na sublimação tem sua meta desviada de sexual para não-sexual.

(...) desviando-se as forças pulsionais sexuais das metas sexuais para novas metas – um processo que merece o nome de *sublimação* – adquirem-se fortes componentes para todas as realizações culturais (FREUD, 1905/2016, p.80-81, grifo do autor).

Dessa forma, há uma dessexualização da pulsão envolvida nesse processo. Além disso, vale frisar que a implicação deste conceito abrange toda a teoria e proporciona importantes elaborações na obra freudiana.

Chamamos atenção para o fato de que, no texto *As pulsões e seus destinos* (1915), Freud permanece sustentando seu primeiro dualismo, mesmo já tendo escrito o texto *Introdução ao narcisismo* (1914), onde expõe a ideia de que o Eu também pode ser investido pela libido. Mesmo encontrando dificuldade na sustentação do conflito entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, Freud só vai reformular seu novo dualismo posteriormente, com a introdução da pulsão de morte, como veremos a seguir.

1.5 Segundo dualismo

Como apresentamos anteriormente, Freud (1914), desde suas análises sobre o narcisismo, verifica o caráter libidinal das pulsões do Eu. Esta descoberta promove um abalo, como já demonstramos, no primeiro dualismo. Mas é somente em 1920, no texto *Além do Princípio de Prazer*, que Freud realiza uma revisão da primeira teoria pulsional ao juntar as pulsões sexuais e as pulsões do Eu, nomeando-as de pulsões de vida, em oposição à pulsão de morte.

Essas pulsões narcísicas de autoconservação tiveram, portanto, de ser incluídas entre as pulsões sexuais libidinais. A oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais transformou-se numa oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões do objeto, ambas de natureza libidinal. Mas no lugar da primeira oposição, surgiu uma nova oposição entre as pulsões libidinais (do Eu e do objeto) e outras pulsões que devem estar presentes no interior do Eu e que talvez possam ser reconhecidas nas pulsões de destruição. Nossas especulações transformaram essa oposição numa oposição entre as pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte (FREUD, 1920/2006, p.198).

Freud (1920/2006) considera as descobertas de Gustav Theodor Fechner⁵, em relação ao prazer e desprazer, da maior importância e coincidentes com as do trabalho psicanalítico. A

⁵ Médico e filósofo alemão, fundador da psicofísica e da psicologia experimental (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.227).

suposição de Fechner é de que há uma relação entre o prazer e o desprazer com as condições psicofísicas de estabilidade e instabilidade. Desse modo, no caso de um movimento psicofísico se elevar acima do limite da consciência causaria prazer ao se aproximar da estabilidade, e se exceder um certo limite que se desvie dessa estabilidade, causaria desprazer.

Freud apresenta a suposição de que o aparelho psíquico se empenha em conservar mais baixa possível, ou constante, a quantidade de excitação. Isto é um dos fatores que o fez supor o domínio do princípio de prazer nos processos psíquicos e acrescenta que “o princípio de prazer deriva do princípio de constância” (FREUD, 1920/2006, p.136). Ao lado do princípio de prazer, Freud postula o princípio de realidade que “modifica o primeiro, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.603). Porém, Freud chama a atenção para que

(...) é incorreto falar na dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Se esse domínio existisse, a imensa maioria de nossos processos psíquicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir-nos ao prazer; entretanto, a experiência mais comum está em flagrante contradição com essa conclusão. Portanto, somos obrigados a admitir que forças ou circunstâncias que se opõem a essa tendência, de modo que o resultado final nem sempre poderá corresponder à tendência ao prazer (FREUD, 1920/2006, p.137).

Freud observa a existência de situações que não produzem prazer e que se repetem dentro e fora da análise. Isto o possibilitou esclarecer do que se trata a compulsão à repetição em seu caráter mais radical. É a partir do brincar infantil, da repetição dos sonhos traumáticos e da repetição na transferência, que Freud é levado a questionar o papel desempenhado pelo princípio de prazer e observar que estes fenômenos indicam que este não rege todo o funcionamento psíquico. É o que nos diz ao afirmar que "existe realmente na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer" (FREUD, 1920/2006, p.148).

Logo, é o caráter pulsional da compulsão à repetição que vai apontar para a existência de um “elemento novo que, contrariando o princípio de prazer, vai mais-além deste. A este elemento novo, [Freud] deu o nome de pulsão de morte” (JORGE, 2000, p.61).

Nesse sentido, um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante na vida psíquica, e talvez da vida nervosa em geral, seja tal como o expressa o princípio de prazer, o anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos (o “princípio de Nirvana”, segundo uma expressão de Barbara Low) (FREUD, 1920/2006, p.176).

Então, de um lado, temos as pulsões sexuais, cuja descarga de tensão é experienciada como prazer. As pulsões de vida, segundo Freud, são as

(...) o conjunto de todas aquelas pulsões que zelam pelos destinos desses organismos elementares sobreviventes e que emanam do ser individual. São elas que cuidam para que esses organismos se mantenham em segurança quando estão à mercê dos estímulos do mundo externo; propiciam se encontro com outras células germinativas, etc. Esse grupo de pulsões é tão conservador quanto as outras pulsões, pois visam à volta a estados arcaicos da substância viva; mas de outro ponto de vista, elas são ainda mais conservadoras, já que se mostram particularmente resistentes às forças externas. Além disso, são conservadoras em um sentido mais amplo, na medida em que preservam a vida por períodos mais longos. São elas as verdadeiras pulsões de vida (FREUD, 1920/2006, p.163).

Por outro lado, temos uma tendência ao princípio de Nirvana, a reduzir a zero, a afastar a tensão ocasionada pelos estímulos, onde podemos observar uma tendência conservadora, no sentido de um desligamento da libido e de um vetor que aponta para o retorno ao inorgânico.

Outro aspecto relevante do texto *Além do princípio de prazer* (1920) é a constatação de Freud sobre a existência de um masoquismo primário. Este último, será reafirmado e amplamente discutido, quatro anos depois, em *O problema econômico do masoquismo* (1924). Freud havia descrito o masoquismo como derivado do sadismo em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Pulsões e seus destinos* (1915) e “*Bate-se numa criança*” (1919), nos quais a pulsão sexual é sua referência principal. Contudo, em *O problema econômico do masoquismo* (1924), ele diz que seria impossível conceber o masoquismo levando em conta apenas o princípio de prazer e o descreve a partir da pulsão de morte, em sua vertente de pulsão de destruição e do princípio de Nirvana. Existem três formas de masoquismo: o primário (erógeno), o feminino e o moral. O sadismo passa a ser considerado como um produto do desvio, empreendido pela libido, da pulsão de destruição para fora do sujeito e em direção ao objeto. Assim, parte desta pulsão é desviada para fora tendo um importante papel na função sexual.

Como vimos, para Freud, a compulsão à repetição vai além de uma tendência a um equilíbrio, suposto à princípio, e sua insistência não se resume a uma procura de satisfação libidinal. É uma “ideia que, seguida sistematicamente, o leva a ver na pulsão de morte a pulsão por excelência”. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967/1988, p.530).

Vimos também que Freud reitera o caráter mitológico das pulsões, insiste no dualismo pulsional e postula a pulsão de morte em um além da linguagem. É o que nos sugere ao dizer:

Também seria uma questão interessante pensar no fato de que as pulsões de vida mobilizam muito mais nossa percepção interna – pois elas se apresentam como perturbadoras da tranquilidade, trazendo contínuas tensões, cujo alívio é sentido como prazer –, enquanto as pulsões de morte parecem realizar seu trabalho de uma maneira bem mais discreta. O princípio de prazer parece, de fato, estar à serviço das pulsões de morte (FREUD, 1920/2006, p.181).

Para além do ruído, silêncio, lacuna; para além dos representantes psíquicos da pulsão, uma força que foge à ordem e que aponta para a indiferenciação: “todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões internas (...), o objetivo de toda vida é a morte” (FREUD, 1920/2006, p.161).

Destinamos, em nossa pesquisa, os próximos capítulos para abordarmos, de forma mais ampla, a repetição na sua relação com a pulsão e com outros conceitos de extrema importância para a psicanálise.

2. REPETIÇÃO E PULSÃO SEXUAL

Consideramos que a repetição tem dois momentos importantes e decisivos na obra de Freud: um em 1914 e outro em 1920. Gostaríamos de sublinhar que compreendemos esses dois momentos como duas faces de uma mesma repetição que só pôde ser abordada em sua radicalidade no segundo momento, 1920 – ponto de retorno onde Lacan encontra meios de alçar a repetição como conceito fundamental, e que será abordado no próximo capítulo com a formulação do conceito de pulsão de morte.

Apesar do termo “compulsão à repetição” aparecer pela primeira vez em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), que está contido nos *Artigos sobre a técnica* (1911-1915 [1914]), salientamos que neste período Freud não havia ainda formulado o conceito de pulsão de morte e se orientava sob a concepção do primeiro dualismo. Assim, o conceito de repetição está essencialmente vinculado à pulsão sexual, à transferência e à resistência, o que é sustentado nesse conjunto de textos.

Jorge (2017) denomina como “ciclo da técnica” os artigos de Freud, publicados entre 1911 e 1915, dedicados à prática analítica, que se caracterizam pela apresentação dos fundamentos do método analítico, e têm o valor de recomendações que auxiliam o analista a se situar em seu próprio estilo, sendo a única regra da psicanálise a associação livre. Este período sucede uma série de acontecimentos que levaram Freud a achar necessário e não mais adiável a dedicação à apresentação sistemática e problematizada das questões implicadas na clínica psicanalítica.

Em 1908, foi realizado o I Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburgo, que compõe “o núcleo do momento organizativo da psicanálise e o primeiro passo para o internacionalismo” (RICCI, 2005, p.125). Este também foi o ano em que a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras passou a se chamar Sociedade Psicanalítica de Viena com a proposta de ser “uma estrutura em que psicanalistas e pesquisadores de várias cidades se encontram, trocam ideias, discutem” (RICCI, 2005, p.125). Dessa forma, Jorge (2017) sinaliza que a psicanálise já havia conquistado um espaço público e continuaria se expandindo, como confirma a “ida de Freud em 1909 aos Estados Unidos, para pronunciar conferências na Universidade Clark, o mais vanguardista ambiente acadêmico norte-americano da época” (JORGE, 2017, p.59).

Em 1910, houve o II Congresso Internacional de Psicanálise, em Nuremberg, onde “tem início uma política da psicanálise a título pleno: uma direção para as pesquisas, um debate e uma verificação da experiência clínica” (RICCI, 2005, p.156). E, não menos importante

historicamente, é neste mesmo ano que ocorre a fundação da Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

Ainda em 1910, com toda essa expansão da psicanálise no mundo, Freud se vê compelido a escrever um breve artigo chamado *Psicanálise Selvagem*, a fim de propiciar à psicanálise um estatuto institucional e regulamentar. Tal iniciativa, de acordo com Paul-Laurent Assoun (2009), tem como objetivo resguardar a psicanálise de práticas selvagens, ou seja, dissonantes em relação à proposta analítica de Freud. Sendo um precursor de *Artigos sobre a técnica*, este texto traz críticas sobre algumas intervenções que se aproximam da sugestão e que possuem uma ênfase terapêutica e prescritiva que tem como objetivo fins curativos e imediatos (JORGE, 2017).

Neste capítulo, portanto, investigaremos este primeiro momento, em que o interessante para Freud é a relação da repetição com a transferência e a resistência.

2.1 Transferência e repetição

No escrito técnico sobre *A dinâmica da transferência* (1912), Freud discorre sobre a vida erótica do sujeito e nos alerta que as experiências infantis, vividas desde os primeiros anos, marcam o psiquismo do sujeito e sua relação com o outro. Também descreve que, no curso do desenvolvimento psíquico, parte das moções eróticas é dirigida para a realidade e a outra parte fica retida nesse curso, permanecendo na fantasia inconsciente. Freud supõe que tanto uma quanto a outra influenciam nas escolhas feitas em relação à vida amorosa do sujeito. É o que nos sugere ao dizer:

(...)Todo ser humano, pela ação conjunta de sua disposição inata e das influências experimentadas na infância, adquire um certo modo característico de conduzir sua vida erótica – isto é, as condições que estabelece para o amor, as pulsões que satisfaz então, os objetivos que se coloca. (FREUD, 1912/2010, p.134).

Desse modo, ideias libidinais antecipadas passam a determinar a qualidade e intensidade dos vínculos que o sujeito estabelece na aproximação de cada nova pessoa que encontra. A essa dinâmica, Freud denomina transferência. Seguindo esta montagem do vínculo amoroso, o autor declara ser compreensível que o investimento libidinal inclua o analista em uma das séries psíquicas dos clichês estereotípicos que o analisando já formou. Denise Maurano (2006, p.16) acrescenta que se trata de um intenso laço afetivo que se estabelece de maneira “automática e

independente da realidade” e que, no contato com o analista, “uma série de fantasias é automaticamente despertada e ganha novas versões”. Este fenômeno clínico nos parece ser o que levou Freud a eleger a palavra “clichê” para ressaltar que essas ideias são repetidas e reeditadas constantemente ao longo da vida da pessoa, na consideração de que, etimologicamente, a palavra clichê tem origem no francês *cliché*, e significa “placa de metal, ger. zinco, gravada fotomecanicamente em relevo, obtida por meio de estereotipia, galvanotipia ou fotogravura, destinada à impressão de imagens e textos em prensa tipográfica” (Dicionário Houaiss online). É através da transferência que o paciente atualiza essas ideias, seja sob a forma de recordar ou repetir, como veremos mais adiante.

A transferência pode ser considerada uma manifestação clínica e sistemática do inconsciente diferente das formações da vida cotidiana, trabalhadas por Freud entre 1900 e 1905 (sonhos, atos falhos e chistes), nas quais o inconsciente também se presentifica, mas de forma pontual e sem estar submetido à análise (JORGE, 2017).

Mais tarde, Lacan afirma que “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente” e que “a realidade do inconsciente é – verdade insustentável – a realidade sexual” (LACAN, 1964/1998, p.139-143). Ou seja, é por meio da transferência que o sujeito coloca em ato a relação entre inconsciente e pulsão, entre linguagem e sexualidade.

Assim, como vimos, a libido insatisfeita é direcionada para o analista e podemos pensar que as figuras parentais são projetadas como uma repetição da dinâmica amorosa experienciada no complexo de Édipo. O autor ainda nos chama a atenção para que não se trata de uma ligação apenas a nível consciente, mas também inconsciente.

As peculiaridades da transferência para o médico, em virtude das quais ela excede em gênero e medida o que se justificaria em termos sensatos e racionais, tornam-se inteligíveis pela consideração de que não só as expectativas conscientes, mas também as reidas ou inconscientes produziram essa transferência. (FREUD, 1912/2010, p.136).

Freud indica dois pontos de particular relevância para os psicanalistas em relação ao funcionamento da transferência. O primeiro é a respeito da intensidade da transferência nas pessoas em análise. O segundo é sobre a transferência ser o motor e condição *sine qua non* do trabalho de análise e se manifestar, ao mesmo tempo, como a maior resistência para este.

Com relação ao primeiro ponto, ele pondera que a transferência se manifesta pujante tanto no sujeito dentro quanto fora de um processo analítico, esclarecendo que as características da transferência devem ser atribuídas à própria neurose.

Quanto ao segundo, Freud começa por dizer que, durante o tratamento, “diminui a porção da libido capaz de consciência, voltada para a realidade, e aumenta no mesmo grau a porção afastada da realidade, inconsciente” (FREUD, 1912/2010, p.139). Isto se dá pelo fato de que a transferência, ao reativar parte da libido inconsciente – repetindo as imagos infantis, então voltadas, inconscientemente, à figura do analista –, percorre em direção ao desvelamento dessa libido a fim de torná-la acessível à consciência. Segundo Freud: “(...) todas as forças que causaram a regressão da libido se levantarão como resistências ao trabalho para conservar esse novo estado de coisas” (FREUD, 1912/2010, p.139).

Neste momento, nos parece que o que se apresenta como resistência, essa tentativa de conservar o novo estado das coisas, é um dos efeitos da própria transferência. O campo da transferência já está estabelecido e disponível para o trabalho, o analista já foi incluído em uma das “séries psíquicas”, e a neurose quer mantê-lo neste mesmo lugar, quer permanecer repetindo esse investimento, o que demonstra o caráter conservador da pulsão afirmado por Freud (1920).

No entanto, Freud adverte que as resistências que ainda estão por vir serão tarefa mais árdua de atravessar do que esta já vista, pois é através do levantamento do recalque (e, vale lembrar, que o recalco atrai outras representações suscetíveis de serem recalçadas por sua relação com as primeiras) que o analista poderá trilhar o caminho de aproximação ao desejo inconsciente. Assim, o mecanismo de recalque seria responsável pela maior parte da resistência e Jorge (2017) enfatiza que “a resistência é sempre resistência à associação, ou seja, resistência a dizer algo, a prosseguir na simbolização e no processo de desrecalcamento que a análise promove” (JORGE, 2017, p.72), sublinhando a íntima relação da resistência à regra fundamental da psicanálise.

Dessa experiência inferimos que essa ideia transferencial irrompeu até a consciência antes de todas as outras associações possíveis, porque satisfaz também a resistência. Algo assim se repete inúmeras vezes no curso de uma análise. Sempre que nos avizinharmos de um complexo patogênico, a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada em primeiro lugar para a consciência e defendida com enorme tenacidade (FREUD, 1912/2010, p.140).

O autor conclui que a intensidade e a insistência da transferência compõem efeito e expressão da resistência. Assim, Freud coloca que não podemos pensar simplesmente em transferência, mas temos que distinguir a transferência positiva da negativa, sendo esta última constituída de sentimentos hostis e agressivos. Já a primeira pode ser dividida: a de sentimentos simpáticos e afetuosos, que são admissíveis à consciência, e a de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente e que remontam a fontes eróticas. Acrescenta que a psicanálise nos

indica que, na transferência, o conteúdo é sempre originalmente sexual, pois “pessoas em nossa vida real [que] são simplesmente estimadas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente” (FREUD, 1912/2010, p.143).

A solução do enigma é que a transferência para o médico presta-se para a resistência na terapia somente na medida em que é transferência negativa ou de transferência positiva de moções eróticas recalçadas. Se “abolimos” a transferência tornando-a consciente, apenas desligamos da pessoa do médico esses dois componentes do ato afetivo; o outro componente capaz de consciência e não repulsivo, subsiste e é o veículo de sucesso na psicanálise, exatamente como em outros métodos de tratamento. (FREUD, 1912/2010, p.143).

Logo, os fenômenos da transferência são aqueles “que nos prestam o inestimável serviço de tornar atuais e manifestos as moções eróticas ocultas e esquecidas do paciente” (FREUD, 1912/2010, p.146). Por este motivo, como vimos, a transferência surge, na análise, como sua mola propulsora e como a resistência mais poderosa. Como compreender que esta ferramenta, sem a qual a análise não procede, possa se configurar como obstáculo ao tratamento? São duas forças antagônicas: o paciente, após ter incluído o analista nas “séries” estereotípicas, resiste ao movimento de deslocamento exigido para sua recuperação. A esse respeito, Freud postula:

Esta luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida pulsional, entre conhecer e querer “dar corpo”, é desenrola-se, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência. É nesse campo que a vitória tem de ser conquistada. (Freud, 1912/2010, p.146).

É neste embate, portanto, que vemos expressa a insistência do analista em manejar a transferência, durante todo o processo, para ir atravessando as resistências que, inevitavelmente, irão surgir. O conflito precisa se fazer presente através da transferência, incluir-se na cadeia discursiva para que possa ser elaborado ao longo do processo analítico.

Há indicação, no final do texto, de um tema que será retomado no artigo *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) referente “a tendência à repetição inerente às moções pulsionais inconscientes, que não admitem ser apenas recordadas, mas querem se reproduzir em ato” (JORGE, 2017, p.73).

2.2 Fantasia e acting-out

Jorge (2010) denomina “ciclo da fantasia” – que antecede o “ciclo da técnica” – o conjunto de textos de Freud dedicados a esse tema. O texto inaugural referente a esse momento é *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907), o qual é seguido de *O poeta e o fantasiar* (1908/2015). Neste último, Freud traz à tona uma discussão sobre o devaneio (sonhos diurnos), que se caracteriza como uma modalidade de fantasia consciente que tem a mesma estrutura da fantasia inconsciente. Além disso, estabelece uma comparação entre o brincar (para a criança), os devaneios (para o adulto, em geral) e a criação poética (para o artista), como modalidades de fantasiar. Mais ainda, Freud aponta a ligação da fantasia com o tempo – na medida em que enlaça passado, presente e futuro – através do desejo.

Deve-se dizer: uma fantasia paira entre três tempos, os três momentos da nossa imaginação. O trabalho psíquico se acopla a uma impressão atual, a oportunidade no presente, capaz de despertar um dos grandes desejos da pessoa; remonta a partir daí à lembrança de uma vivência antiga, na sua maioria uma vivência infantil, na qual aquele desejo foi realizado e cria então uma situação ligada ao futuro, que se apresenta como a realização daquele desejo, seja no sonho diurno ou na fantasia, que traz consigo os traços de sua gênese naquela oportunidade ou lembrança. Ou seja, presente, passado e futuro se alinham como um cordão percorrido pelo desejo (FREUD, 1908/2015, p.58).

Demonstra-se, aqui, a relação entre a fantasia e o desejo, que, mais tarde, vai ser reforçada com Lacan ao afirmar que “a fantasia é o suporte do desejo” (LACAN, 1962-63/2005, p.113). A fantasia possibilita a realização de um desejo insatisfeito. Está ligada, portanto, ao desejo e à insatisfação inerente a ele, como uma correção de uma realidade insatisfatória, o que leva Freud a usar frequentemente a expressão “fantasia de desejo” (JORGE, 2010, p.46).

Vale ressaltar que o sintoma é resultante de um conflito que expressa o desejo e a interdição em relação a ele, tal como ilustrado por Freud em relação aos sintomas histéricos em *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (1908/1992). A partir de Freud e Lacan, Jacques-Alain Miller (2002) afirma que, se podemos pensar a questão do fim da análise como o atravessamento da fantasia, o sintoma, ao contrário, se situa como aquilo com o que nos deparamos na entrada da análise.

Com efeito, é com muita frequência que o sujeito, ao entrar em análise, acaba por falar muito de seu sintoma que, na sua condição de enigma, é dirigido ao analista numa demanda de decifração. Ao passo que a fantasia, como Freud (1908/2015) salienta, comparece como um relato acompanhado de vergonha e hesitação.

Conforme já mencionamos, Jorge (2010) propõe um emparelhamento dos quatro conceitos fundamentais diferente daquele proposto por Lacan (1964): inconsciente e pulsão, cuja intersecção é o real – conceitos referentes à teoria psicanalítica; e transferência e repetição, cuja intersecção é o sintoma, conceitos relativos à clínica. Temos acesso ao primeiro par por meio do segundo. Assim, o sintoma é o que presentifica o real na clínica e é o que se repete a partir da transferência (JORGE, 2010). Assim, ele pode ser repetido em sua modalidade simbólica, por meio dos clichês estereotípicos, e também em sua vertente real.

Na abordagem de “*Bate-se numa criança*” (FREUD, 1919/2016), Freud destaca o caráter perverso na fantasia, apontando para seu aspecto infantil (perversão polimorfa) e seu aspecto autoerótico (que gera prazer e desprazer). Podemos compreender, neste texto, que a satisfação pretendida remete à fixação primária, a um traço perverso que prossegue como resíduo do complexo de Édipo.

Faz-se importante salientar que, para Freud (1905), a perversão polimorfa é um dos processos ordinários da vida sexual infantil, sendo, a princípio, transportada para o laço com o objeto incestuoso e, mais tarde, se mantém como herdeira da carga de libido, do complexo de Édipo, que sofreu recalque.

É importante destacar que este texto é do mesmo ano de *O Estranho* (FREUD, 1919) e, como no último, já podemos notar algumas questões acerca da estranheza da satisfação pulsional e sua relação com a compulsão à repetição. A fantasia se apresenta como cena difusa e paradoxal e aparece como estranha. Nela, o sujeito se encontra diante de algo que diz respeito a ele, mas que ele experimenta como estrangeiro. Diante disso, é preciso levar em conta que a fantasia não pode ser contada simplesmente, é necessário que o sujeito a reconstrua na transferência.

Ao considerarmos o matema da fantasia: $\$ \diamond a$, de acordo com Jorge (2010), o símbolo da punção aponta para a dimensão do desejo, “escrito enquanto falta, e essa falta é a presentificação daquela perda de gozo que esteve na origem da entrada do sujeito no mundo humano, no mundo do simbólico” (JORGE, 2010, p.85). Como orienta Lacan (1962-63/2005, p.113), lemos “ $\$$ desejo de a ”, ou seja, para mediar sua relação com o real, o sujeito neurótico erige a fantasia para, pela via do simbólico, evitar uma relação direta com a falta de objeto.

Para Lacan, a fantasia é enquadrada. Como uma tela sobre uma janela, onde o que está em jogo não é a beleza do que está pintado, mas impedir de ver o que se veria pela janela se o quadro não estivesse ali. Lacan assim demonstra a função da fantasia como aquilo que nos protege do real: “a fantasia é vista além de um vidro e por uma janela que se abre” (LACAN,

1962-63/2005, p.87) e, mais tarde acrescenta, que a fantasia é uma “janela para o real” (LACAN, 1967/2003, p.259).

Assim, a fantasia estrutura a relação do sujeito com o real do gozo e é sempre “fantasia da relação sexual possível” (JORGE, 2010, p.85), na medida em que se apresenta como uma “tentativa de resgate da completude perdida, ou melhor dizendo, supostamente perdida – (..) porque suposta de dentro de uma estrutura na qual a perda já se deu e a falta comparece” (JORGE, 2010, p.84). A fantasia, então, tenta resgatar esse gozo perdido na constituição do sujeito.

No empenho de encobrir o vazio, a fantasia é criada e orchestra uma ficção criada pelo sujeito. Diante do ilimitado do gozo, mortífero, a fantasia fundamental enquadra este gozo ligando-o aos orifícios corporais. Então, o que antes era um gozo ilimitado torna-se um gozo fálico, articulado à linguagem, ao significante. Portanto, a fantasia fundamental se constrói como uma resposta do sujeito ao enigma do desejo do Outro, diante do qual a angústia irrompe (LACAN, 1962-63/2005).

Lacan (1962-63) introduz a noção do *unheimlich* – o estranho, o inquietante – para abordar a angústia na sua relação com o objeto *a*. Esta surge quando o sujeito se encontra desprovido de recursos simbólicos para lidar com um encontro com o objeto *a*. Então, podemos entender este objeto, por um lado, como falta, causa de desejo; por outro, como presença, causa de angústia. Nos parece que a ausência da falta perturba o desejo e se torna angustiante. Portanto, a angústia surge diante da presença do objeto *a* no campo de representação do sujeito e é da ordem da certeza, daquilo que não engana (LACAN, 1962-63/2005).

O *acting-out* consiste, segundo Lacan (1962-63/2005), em um modo de agir frente à angustia. Este termo é uma ideia trazida pelos psicanalistas de língua inglesa com a finalidade de traduzir o verbo alemão *agieren*, utilizado por Freud (1914), para descrever a colocação em ato – realizada de forma inconsciente pelo sujeito – dentro ou fora da análise, para se esquivar da recordação e conseqüente verbalização do recalcado (ROUDINESCO, 1998). Sublinha-se que Lacan (1962-63/2005) o diferencia da passagem ao ato, que se configura numa dimensão de um ato que ultrapassa o sujeito e que o faz sair da cena simbólico-imaginária.

No *acting-out* parece haver a denúncia de algo da ordem do desejo, mas que também traz a marca da compulsão à repetição. Portanto, podemos pensar que o analisando vai repetir em análise e essa repetição é bem-vinda, e este é o lugar onde o *acting-out* é lançado como uma comunicação ao analista. O sujeito tenta dizer algo por meio de uma dramatização, de uma mostra. Podemos compreender a vinculação entre a repetição e o *acting-out*, mas é

importante destacar que este não é pura expressão da repetição, ele também possui o valor de um endereçamento.

O *acting-out* surge como uma busca de interpretação e é uma história sem palavras, uma resposta, em ato, diante da angústia. É uma mostração endereçada. Diante do encontro com o objeto da angústia, há uma falência do simbólico que encontra no ato seu último recurso de expressão.

A repetição é uma presentificação em ato, e um ato “tem sempre uma parte de estrutura, por dizer respeito a um real que não é evidente” (LACAN, 1964/2008, p.56). Assim, o ato em psicanálise não se reduz a psicomotricidade, a um simples fazer, pois traz uma resposta do inconsciente ao mais radical e fora de sentido e que, por isso, é indizível.

2.3 Recordar, repetir e elaborar

No texto *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914), Freud descreve a repetição, assinalando sua relação com outros conceitos valorosos para a clínica psicanalítica: a transferência, a resistência e a atuação.

Freud inicia este artigo por lembrar-nos as “alterações de grandes conseqüências que a técnica psicanalítica sofreu desde o início” (FREUD, 1914/2010, p.194). Em um primeiro momento, ocasião que iniciou seu trabalho com Breuer⁶, havia a tentativa de trazer à tona o momento em que os sintomas se formavam – através do método catártico e do uso da hipnose – e, deste modo, reproduzir os processos mentais a fim de conduzir as descargas para a atividade consciente, isto é, recordar e ab-reagir.

Naqueles tratamentos hipnóticos, o recordar se configurava de forma bem simples. O paciente se punha numa situação anterior, que parecia jamais se confundir com a presente, comunicava os processos psíquicos da mesma, até onde haviam permanecido normais (...). (FREUD, 1914/2010, p.196).

Posteriormente, a hipnose é deixada de lado e o método psicanalítico passa a ser fundado na associação livre. A partir desta, o que o paciente não recorda passa a ser o que devemos descobrir através da interpretação das resistências, com o propósito de contorná-las. Apenas identificar o momento em que o sintoma se formou já não era mais tão somente o foco, a isso

⁶ Josef Breuer, médico fisiologista austríaco, que se dedicou ao tratamento de uma paciente histérica – Anna O. – escrevendo com Freud os *Estudos sobre a histeria* (1893).

se soma a consideração de momentos prévios aos sintomas. E, mais adiante, finalmente, o analista se afasta do esforço de colocar em foco um problema ou situação específica, e “contenta-se em estudar a superfície psíquica apresentada pelo analisando (...)” (FREUD, 1914/2010, p.195). Freud afirma que se trata de preencher lacunas na memória e superar as resistências devidas ao recalque. Logo, não foi por acaso que Freud abandonou a técnica da hipnose, ele percebeu que sob seus efeitos não há resistência e que o paciente não encontra condições de elaborar depois tudo aquilo que surgiu. Jorge acrescenta que a “psicanálise, ao contrário, pretende levar o sujeito a vencer realmente as resistências internas que a aproximação do recalque coloca, pois, assim fazendo, o sujeito conquista algo que não perderá jamais” (JORGE, 2017, p.28)

Neste ponto, pensamos ser relevante abordarmos brevemente o caso Elisabeth von R, contido nos *Estudos sobre a histeria* (BREUER e FREUD, 1893-1895), onde podemos situar a primeira vez em que o termo resistência aparece.

Durante esse difícil trabalho, comecei a atribuir uma significação mais profunda à resistência que a doente mostrava na reprodução de suas lembranças e a reunir com cuidado as ocasiões em que ela se traía de modo particularmente evidente. (FREUD, 1893-1895/2016, p.222).

Naquela época, ao se deparar com a dificuldade de hipnotizar Elisabeth, Freud utilizava a técnica da pressão, onde pressionava com a mão a fronte da paciente, na expectativa de que esta conseguisse recordar situações de sua vida que pudessem trazer alguma compreensão a respeito das origens dos seus sintomas.

Agora, sob pressão de minha mão, isso lhe ocorrerá. No instante que eu cessar a pressão, verá algo diante de si ou algo lhe passará pela cabeça como ideia súbita. Agarre isso. É o que procuramos. (FREUD, 1893-1895/2016, p.161).

Esta técnica pareceu ser eficaz, a princípio, conforme concedia uma profusão de conteúdos para a análise da paciente. Em alguns momentos, porém, "parecia haver obstáculos, de cuja natureza naquela época eu ainda não suspeitava" (FREUD, 1893-1895/2016, p.220). Ao perceber que os elementos que vinham à mente da paciente representavam não mais que um elo intermediário na cadeia de associações, Freud aplicava a técnica da pressão para indicar o trilhamento que as associações deveriam seguir e insistia que este caminho fosse percorrido. E assim, Freud foi dando cada vez mais importância à fala do paciente.

Ocorre que, quanto mais a análise caminha em direção a uma representação recalçada, maior é a força da resistência, que comparece como obstáculo à rememoração. O fenômeno clínico da resistência parece ser o ponto crucial para que Freud abandone a sugestão que as técnicas da hipnose e da pressão incluíam em seus modos de operar, e vai apostar no fluxo das associações livres, “que consiste em convocar o analisando a falar o que sente e o que pensa, sem interferência de qualquer processo de escolha ou de julgamento moral” (JORGE, 2010, p.38).

Com os neuróticos, então, entramos nesse pacto: total sinceridade em troca de uma discrição estrita. Isso impressiona como se estivéssemos procurando a posição de um confessor profano. Mas a diferença é grande, já que não queremos apenas ouvir dele o que ele sabe e esconde dos outros, mas ele também deve se referir ao que não conhece (FREUD, 1940/1992, p.174-175)⁷.

A este respeito, encontramos uma referência em Lacan que provém de uma entrevista coletiva realizada em Roma, no Centro Cultural Francês, por ocasião de um congresso, quando Lacan foi interrogado por jornalistas italianos: “Na análise, começa-se por explicar às pessoas que elas não estão ali para se confessar. É o começo da arte. Elas estão ali para dizer – dizer qualquer coisa”. (LACAN, 1974, p.64).

Por um lado, o convite à regra fundamental da clínica psicanalítica, a associação livre, onde o sujeito está ali para dizer, seja lá o que for que tenha a dizer. Por outro, o que Lacan chamou de “o começo da arte” só pode ser lido com a contrapartida da escuta analítica, condição de possibilidade de operação da transferência e funcionamento do método psicanalítico.

Assim, em posição contrária à relação entre a técnica da hipnose e o recordar, a técnica psicanalítica, fundada nas associações livres, está intimamente ligada à repetição:

(...) é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz (FREUD, 1914/2010, p.200).

Assim, podemos entender que aquilo que não é recordado tende a ser repetido em ação, o que nos leva a pensar que podemos considerar a repetição, ela mesma, uma forma de rememoração. A atuação é movida por motivos inconscientes, ou seja, aquilo que o paciente

⁷ Con los neuróticos, entonces, concertamos aquel pacto: sinceridad cabal a cambio de una estricta discreción. Esto impresiona como si buscáramos la posición de un confesor profano. Pero la diferencia es grande, ya que no sólo queremos oír de él lo que sabe y esconde a los demás, sino que debe referirnos también lo que no sabe (FREUD, 1940/1992, p.174-175).

não recordou, não elaborou na análise, vai comparecer em ato. Freud nota que “enquanto o paciente se acha em tratamento, não se livrará desta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que este é seu modo de recordar” (FREUD, 1914/2010, p.201).

Logo notamos que a transferência mesma é somente uma parcela da repetição e que a repetição é transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os âmbitos da situação presente. Devemos estar preparados, portanto, para o fato de que o analisando se entrega à compulsão a repetição, que então substitui o impulso à recordação, não apenas na relação pessoal com o médico, mas também em todos os demais relacionamentos e atividades contemporâneas de sua vida (FREUD, 1914/2010, p.200).

Freud, então, retoma a questão da transferência como resistência, estabelecida em 1912 no texto *A dinâmica da transferência*, indicando que, enquanto o tratamento pretende encontrar situações relacionadas ao núcleo patogênico, a transferência se apresenta como resistência, porque reativa a recordação, e a torna atual. Ou seja, podemos pensar que a dinâmica da transferência é a própria repetição.

Quanto maior a resistência, tanto mais o recordar será substituído pelo atuar (repetir). Pois o recordar ideal do que foi esquecido corresponde, na hipnose, a um estado em que a resistência foi totalmente posta de lado (FREUD, 1914/2010, p.201).

Assim, a ocorrência do fenômeno da resistência contribui para que a repetição se dê, pois “é do arsenal do passado que o doente retira as armas com que se defende do prosseguimento da terapia, as quais lhe temos de arrancar, peça por peça” (FREUD, 1914/2010, p.202). Cabe à análise avançar no esmaecimento das resistências para que o analisando possa recordar ao invés de repetir. É na análise, portanto, que o paciente poderá tornar consciente aquilo que ele repete sem saber.

Essa condição do doente é movida pouco a pouco para o horizonte e raio de ação da terapia, e, enquanto o doente a vivencia como algo real e atual, devemos exercer sobre ela o nosso trabalho terapêutico, que em boa parte consiste na recondução ao passado (FREUD, 1914/2010, p.202).

Freud chama a atenção para um “piorar durante a terapia” (FREUD, 1914/2010, p.202), justamente pelo fato de que o repetir no tratamento analítico evocará um fragmento da vida real. Assim, “a iniciação do tratamento leva o doente a mudar sua atitude consciente para com a doença” (FREUD, 1914/2010, p.203), pois se antes o paciente se dava por satisfeito em apenas

ignorá-la e queixar-se, agora terá que tomar coragem e conduzir sua atenção para seus fenômenos, tornando seu mal-estar “um digno adversário” (FREUD, 1914/2010, p.203).

A reconciliação com o recalado que se manifesta nos sintomas é assim preparada desde o início, mas também se admite uma certa tolerância para o estado do enfermo (FREUD, 1914/2010, p.203).

Freud assinala que há uma luta constante entre analista e analisando “para manter no âmbito psíquico todos os impulsos que este gostaria de dirigir para o âmbito motor” (FREUD, 1914/2010, p.204). Essa luta constante se expressa no trabalho de tentar levar o analisando a simbolizar, a colocar entre ele e o real, a linguagem.

Para Freud, o manejo da transferência é o instrumento fundamental para transformar a repetição em algo a ser representado, simbolizado. Freud (1914/1996) apresenta o conceito de neurose de transferência, a partir da qual a neurose comum é dirigida ao médico e os sintomas ganham, assim, uma nova significação. Dessa forma, caracteriza-se como uma neurose artificial que se constitui a partir da transferência e em torno do analista, na condição de uma reedição da neurose do paciente (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988).

Como sabemos, tanto a transferência quanto o alcance dos efeitos da análise não se limitam ao que ocorre no espaço do consultório do analista e, a esse respeito, Lacan (1953-54) chama atenção para quando a atuação também acontece fora desse espaço.

O autor comenta um caso exposto por Ernst Kris⁸, no *Seminário I* – ao qual retorna em *Direção do Tratamento* (1958) e no *Seminário 10* (1962-63) –, onde o paciente em questão tem uma grave inibição em seu trabalho intelectual, uma dificuldade em escrever e a justifica pelo sentimento constante de se sentir um plagiário. Ele sente que rouba as ideias de seu principal interlocutor, um homem erudito e brilhante e afirma que esse é seu principal entrave. Um dia, relata ao analista que sua suspeita havia se confirmado: encontrara todas as ideias de sua tese já publicadas em um artigo. O analista lhe mostra de forma indiscutível que ele não era um plagiador, pois lera seu texto e confirmou sua originalidade. O sujeito, sem conseguir contestar e não se importando com esse dado de realidade, ao sair da sessão de análise vai comer miolos frescos.

Lacan critica a interpretação de Kris por tomar a direção de uma confrontação com uma realidade considerada verdadeira, a de que o paciente não é um plagiador. Diante da

⁸ Psicanalista e historiador da arte austríaco, representante da Psicologia do Ego.

interpretação, o paciente realiza um *acting-out*, a fim de enviar uma mensagem ao analista, como se dissesse: “tudo o que o senhor diz é verdade, mas simplesmente não toca na questão; restam os miolos frescos. Para mostrá-lo ao senhor, vou comê-los ao sair para lhe contar isso na próxima sessão” (LACAN, 1962-63/2005, p.139).

Freud (1914/2010) afirma que, na clínica, esta elaboração das resistências pode se revelar uma tarefa árdua para o analisando e uma prova de paciência para o analista. Portanto, parece-nos poder afirmar que o analista não deve se enfadar com a repetição, ao contrário, deve considerar que sua manifestação demonstra que há algo não simbolizado querendo emergir, dado que o ato tem uma dimensão simbólica.

Como se sabe, a superação das resistências tem início quando o médico desvela a resistência jamais reconhecida pelo paciente e a comunica a ele (...). É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência agora conhecida para que a elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise (FREUD, 1914/2010, p.208).

A transferência é o palco privilegiado onde a repetição pode e deve se manifestar, pois é um indício de que algo pede para ser rememorado, podendo ser considerada como o primeiro passo para o ato de recordar. Então, podemos pensar que a neurose está condenada a repetir e que a repetição se apresenta, ao mesmo tempo, como um pedido para elaborar e um obstáculo para rememorar. Onde o sujeito não consegue recordar, ele repete, ou seja, lá onde estava a repetição a lembrança há de vir.

Freud (1914/2010) ressalta que existe um tipo especial de experiências, de extrema importância, sobre as quais não se pode recuperar lembrança alguma. Esclarece que são experiências infantis que não puderam ser compreendidas na ocasião em que ocorreram, e somente a posteriori puderam ser assimiladas e interpretadas. Ainda neste texto, Freud relaciona as lembranças encobridoras à amnésia infantil, questões que trouxera em 1899 e 1905, respectivamente. Diante da impossibilidade de recordar parte ou a totalidade da infância, as lembranças encobridoras tem o propósito de velar a amnésia infantil. Assim, as lembranças construídas pelo sujeito se esforçam para preencher o vazio dado pela impossibilidade em se recordar um passado infantil.

As proposições de Freud sobre a amnésia infantil, assim como sua referência a tipos de experiências impossíveis de recordar, mas que retornam a posteriori na vida do sujeito, nos parece uma clara referência ao trauma, o que veremos a seguir.

3. REPETIÇÃO E PULSÃO DE MORTE

3.1 A repetição além do princípio do prazer

Caldas (2015) distingue a especificidade em que Freud utiliza o termo trauma, que possui uma ampla utilização, sobretudo da medicina. De origem grega, a palavra trauma tem o significado de “ferida”, e assim, metonimicamente, relaciona-se a um evento que é capaz de causar a ferida. Contudo, na psicanálise, o trauma tem a significação de um trabalho psíquico sobre o evento, a ferida, não se situando no evento em si, violento e supostamente traumático. Assim, Freud situa o trauma como um trabalho inconsciente que traz a própria dimensão do impossível de curar. Esse trabalho carrega a função da linguagem trazendo à tona o sujeito onde ele foi objeto de violência, função essa que Freud já trouxera em suas pesquisas sobre as afasias, danos nos tecidos cerebrais. A autora ressalta que Freud se interessa mais pela linguagem – outro tipo de tecido – do que pelas consequências e causas orgânicas, neurológicas. Complementa que, “para Lacan, o trauma não causa a linguagem. Ao contrário, a linguagem causa o trauma” (CALDAS, 2015, p.2).

Tal concepção de trauma, própria da psicanálise, a distingue daquela presente no DSM⁹ no diagnóstico de Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), que sustenta que o trauma é decorrente de um acontecimento externo cujos efeitos na linguagem são considerados patológicos, ao invés de formações do inconsciente: pensamentos intrusivos, ruminações, recordações que insistem em ser lembradas malgrado os esforços dos pacientes em tentar esquecê-las. Ou seja, “no espaço criado pela linguagem, no qual um psicanalista encontra as formações do inconsciente, um psicólogo, baseado nesse tipo de diagnóstico, encontra um transtorno” (CALDAS, 2015, p.4).

Tal tratamento consistiria em fazer o paciente tudo falar, para organizar o que se passou, restabelecendo seu bom funcionamento cognitivo, para ser feliz e produzir. Caldas (2015) cita a psicologia positiva que faz uso da noção de resiliência baseada na tentativa de tirar bom proveito do trauma para o crescimento psíquico do indivíduo. Nesta abordagem, o espaço da linguagem é usado na tentativa de eliminá-lo e trazer felicidade por meio de um trabalho que não implica o inconsciente e a pulsão de morte.

Ora, falar é, evidentemente, necessário à elaboração face ao horror, mas colocando em cena o furo – e não a clareza – da comunicação, levando em conta o impossível de dizer, o real.

⁹ *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

Falar sobre o trauma é menos do que dizê-lo – como no relato jurídico e confessional –, mas construir bordas em torno dessa impossibilidade (CALDAS, 2015).

Caldas (2015) descreve o trauma, a partir de Freud, como “o que fixa a repetição em torno de um ponto, no qual algo resta por executar” (CALDAS, 2015, p.5), o que se coaduna com a definição lacaniana do inconsciente como o não realizado. Esta definição de Lacan (1964/1998) nos reporta à noção do “a posteriori”, que Freud tão bem marcou desde as suas primeiras formulações a respeito do trauma, que é composto de dois momentos distintos dispostos numa sequência temporal e que tem em comum entre eles a natureza sexual de ambos.

A partir de um caso clínico, Freud demonstra a lógica *só depois* do trauma. Emma apresenta uma fobia: não pode entrar em lojas sozinha. A moça relata esta impossibilidade sob o pretexto de que os vendedores ririam de sua roupa. De saída, ela associa este sintoma à uma lembrança de quando, aos 12 anos, entrou numa loja de tecidos e viu dois vendedores rindo juntos, o que a fez fugir assustada. Ainda recorda que os dois riam de sua roupa e que se sentiu atraída sexualmente por um deles.

Para Freud (1893/1992), esta lembrança não traz grandes elucidções, já que permanece como questão o fato de ela não conseguir entrar sozinha em lojas e, caso estivesse acompanhada, esta dificuldade desaparecia. Por acaso não ririam de sua roupa pelo simples fato de estar acompanhada? Parece ainda haver algo oculto que possa explicar o desencadeamento do sintoma fóbico.

Associando mais um pouco, Emma se lembra de uma outra cena, anterior, quando, aos 8 anos, entrou sozinha numa confeitaria e o proprietário do estabelecimento, enquanto sorria, a tocou, por cima da roupa, nos genitais. Ela ainda conta que, após essa cena, esteve na confeitaria uma segunda vez e, ao falar disso em análise, se repreende por ter voltado lá como se quisesse incitar uma nova investida do proprietário. Esses elementos corroboravam a teoria que Freud desenvolvia na época, de que um abuso sexual teria um papel determinante, por ser traumático, na etiologia das neuroses.

Segundo Freud, o perturbador do trauma é a liberação do afeto, a excitação sexual que “já havia sido despertada na primeira cena sem significação alguma, apenas como excesso pulsional” (CALDAS, 2015, p.9). Esse afeto é recoberto pelo deslocamento que se traduz na fobia de entrar na loja. Ou seja, os risos e roupas se apresentariam como um deslocamento da excitação sexual. Emma não cessa de se afastar disso para reencontrar o que não cessa de retornar e não se escrever (CALDAS, 2015).

Se contarmos a história no sentido cronológico, ela se tornaria um trauma no senso comum do termo. Será preciso retroceder na cronologia, como fez Freud, pelo vetor retroativo da narrativa em análise. Esse tempo retroativo deve-se, também, à linguagem, cujo desdobramento promove um afastamento do que conta, ao mesmo tempo em que o retoma como narrativa (CALDAS, 2015, p.8)

Assim, nos parece que o evento traumático, a rigor, não pode ser identificado nem ao primeiro nem ao segundo momento, mas sim à relação entre eles. "É preciso então destacar que o trabalho analítico dá lugar a recordações sem lugar, mas também constata e preserva um não lugar em relação ao sentido" (CALDAS, 2015, p.6).

No caso de Emma, como vimos, só a partir da experiência da segunda cena é que, ao ocorrer uma ativação da primeira, a lembrança desta emerge e se torna traumática.

A partir da experiência de que a realidade material não pode ser verificada, pois não existe uma verdade última sobre os fatos, o fator externo começa a perder sua força na investigação da causa dos sintomas. Ocorre um deslocamento da importância de uma possível cena real de sedução para uma cena da fantasia, que aponta para a segunda teoria da sedução, na qual Freud postula que a realidade traumática não é factual, mas psíquica.

Se podemos pensar que todo e qualquer sujeito nasceu de uma posição de objeto, traumática portanto, podemos pensar que o trauma está para todos. Então, como resposta a ele, o sujeito vai elaborar a fantasia que dará origem aos sintomas. Assim, nos parece possível afirmar que, para elaborar o trauma, não se trata de tentar eliminá-lo, mas de circunscrevê-lo. A fantasia é que irá mediar todas as relações do sujeito e se apresentar como recurso que estrutura sua verdade e sua realidade.

A neurose de guerra coloca um problema para a teoria do trauma. Se este estava na constituição do sujeito, Freud teve que pensar um tipo de neurose ocasionada pelas contingências da realidade externa. Contudo, há uma distinção terminológica: o trauma refere-se à etiologia da neurose, e o traumático às contingências. A maior contribuição da teorização da neurose traumática, segundo Caldas (2015), foi destacar o retorno compulsivo das lembranças traumáticas, o que colaborou para os avanços de Freud em direção ao conceito de pulsão de morte e à construção de um novo dualismo. Dessa forma, um episódio qualquer pode ter um caráter traumático para o sujeito se seus efeitos demonstrarem isto e, ao contrário, um fato considerado trágico não necessariamente produzirá um trauma.

A noção de "a posteriori", que irá se manter ao longo da obra de Freud, ganha o estatuto de fundamento para a lógica inconsciente, que é dita atemporal. Mas, se estamos falando em dois momentos dispostos numa sequência temporal, como sustentar a ideia de um inconsciente atemporal? Isto se explica pelo fato de que não há ordem cronológica entre as ideias, mas uma

articulação lógica que mantém a relação de causa e efeito. Isto nos permite pensar que o inconsciente é constituído por uma lógica temporal singular, que é a sua própria produção.

Ao tratar do inconsciente, no *Seminário: livro 11*, Lacan (1964/1998) nos diz que “ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação” (LACAN, 1964/1998, p.27), indicando que do inconsciente só podemos falar através de suas manifestações, que rompem com a lógica consciente, provocando surpresa, quebrando o ritmo, trazendo uma descontinuidade à ordem consciente.

Ainda segundo Lacan (1962/1998), o inconsciente mostra a “hiância por onde a neurose se conforma a um real – real que bem pode, ele sim, não ser determinado” (LACAN, 1964/1998, p.27). Ao analisar a etiologia das neuroses, Freud se encontra com algo de não realizado, de maneira que nos sonhos, chistes, sintomas e atos falhos o que se destaca é o jeito de tropeço pelo qual eles comparecem.

Freud, em seu trabalho de 1919, chamado *O estranho (O infamiliar)*, se refere à estética como a teoria das qualidades do sentir e apresenta a ideia de que a sensação de estranheza tem origem justo no fato de que o estranho pode ser algo que é, ao mesmo tempo, secretamente familiar. Aponta a ambivalência da palavra *Heimlich* (familiar) ao demonstrar sua coincidência com *Unheimlich* (estranho), seu oposto.

Mas, naturalmente, nem tudo que é novo e que não é familiar é assustador; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que o que é inovador torna-se facilmente assustador e *infamiliar*; nem tudo o que é novidade é assustador. Ao novo e ao não familiar se deve, de início, acrescentar algo para torná-lo *infamiliar*. (FREUD, 1919/2019, p.33, grifo do autor)

Ao demonstrar que o que retorna como amedrontador, causando grande infortúnio e mal-estar, não é alguma coisa alheia ao sujeito e, sim, "algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento" (FREUD, 1919/2019, p.85), Freud articula o estranho (o infamiliar) ao retorno do recalçado, ao afirmar que este “seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (FREUD, 1919/2019, p.45).

Estamos nos referindo às dificuldades que se impõem à lógica discursiva para a apreensão do que se apresenta como estranho e, até mesmo assustador, no contato com o retorno do recalçado, que, paradoxalmente, nos remete ao que há de mais familiar em cada um de nós. O sentimento ou a sensação de estranhar-se é conhecida de todos, ainda que em diferentes níveis, intensidades ou registros. É o momento em que o experienciado não coincide com o conhecido. É a particularidade da repetição que possibilita Freud apontar essa estranheza.

(...) também reconhecemos, sem esforço, que o fator da repetição involuntária é aquele segundo o qual até mesmo o inofensivo se torna *infamiliar*, impondo-nos a ideia do fatídico, do inescapável, onde nós até então falávamos de "acaso" (FREUD, 1919/2019, p.77)

Assim, não há garantias de que aquilo que jamais ocorreu ao sujeito será experienciado como estranho, infamiliar e terrível. É justamente algo que retorna por repetição que vai delinear esse infamiliar, ao implicar a pulsão neste processo, como Freud nos mostra:

No inconsciente anímico, é possível, de fato, reconhecer-se o domínio de uma incessante *compulsão à repetição* das moções pulsionais, a qual, provavelmente, depende da mais íntima natureza das pulsões, e que é suficientemente forte para se impor ao princípio de prazer, conferindo um caráter demoníaco a certos aspectos da vida anímica, algo que ainda se expressa claramente nas aspirações da criança e que domina uma parte do decurso da psicanálise dos neuróticos. Estamos preparados para todas as discussões mencionadas a esse respeito, uma vez que o que se pode lembrar dessa compulsão interna à repetição pode ser sentido como *infamiliar*. (FREUD, 1919/2019, p.79, grifo do autor)

Garcia-Roza acrescenta que “só há *Unheimlich* se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como diferente” (GARCIA-ROZA, 2014, p.25). Portanto, a repetição é com-pulsão. Tal estranheza ocorre justamente porque esta traz algo da ordem do indizível, mas que insiste em querer se dizer. Assim, Freud reconhecia a presença da repetição na análise de seus pacientes, mas deixou em aberto o que a causava. Finalmente, em 1920, em *Além do princípio do prazer*, Freud pôde desenvolver melhor esta temática e elaborar algumas conclusões.

Sabemos da importância do movimento de retorno a Freud que Lacan empreendeu ao mostrar que “após a morte de Freud, a psicanálise passara a trilhar desvios ideológicos incompatíveis com aquilo que o mestre vienense avançara” (JORGE, 2017). Lacan, no livro 11 de seu *Seminário*, eleva a repetição à condição de conceito fundamental.

Em 1963, quando dirigia o seminário sobre os nomes do pai, Lacan é excluído da lista dos didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), ou seja, é impedido de exercer a análise didática e as supervisões, denominadas de controle. Conforme explica Elisabeth Roudinesco (1998), a SFP era filiada à IPA – *International Psychoanalytic Association* –, que possuía a hegemonia dentro do movimento psicanalítico. Tendo sido originalmente criada por Freud e Sandor Ferenczi, em 1910, a IPA foi adquirindo, a partir de 1925, contornos cada vez mais autoritários ao impor normas inflexíveis sobre a admissão e a formação do analista, que incluíam a obrigatoriedade da análise didática e da supervisão sob o pretexto de resguardar a psicanálise de práticas selvagens.

Ao ser expulso, ou, em suas palavras, excomungado, Lacan funda a EFP (*École Freudienne de Paris*) e retoma seus seminários, agora sob o título de *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998), a fim de dar continuidade ao seu projeto de “retorno a Freud”. Assim, conforme pontua Jorge (2017), o ato de excomunhão de Lacan, sob o pretexto de não estar em consonância com os ditames éticos da psicanálise, revela justamente o oposto: a radicalidade de Lacan em sustentar, em seu discurso, o legado freudiano. O retorno aos conceitos fundamentais parecem ser consequência direta da “recusa do conceito” em que os pós-freudianos mergulharam.

Assim, é outorgado à repetição o estatuto de um conceito fundamental, já que havia sido desconsiderado entre os pós-freudianos, tal como constatamos a partir das propostas trazidas por Joseph J. Sandler, psicanalista britânico que se alinhava à Psicologia do Ego. Nascida no interior da IPA, em 1939, nos EUA, esta era representada por Heinz Hartmann, Rudolph Loewenstein, Ernest Kris, Erik Erikson e David Rapaport. Sua concepção de subjetividade apoiava-se na onipotência do Eu e em sua tentativa de adaptação à sociedade, privilegiando-o em oposição ao Isso e ao inconsciente. A função da análise seria a de tornar o Eu autônomo em relação ao Isso, com o auxílio do Eu forte do analista. Desta forma, seria promovido um controle das pulsões que permitiria a conquista da liberdade pelo paciente em relação à opressão exercida pelo Isso. A Psicologia do Ego com seus ideais de controle, autonomia, saúde e bem-estar vai totalmente de encontro, sobretudo, ao segundo dualismo, pautado no caráter demoníaco e central da pulsão de morte, no automatismo da compulsão à repetição e no mal-estar da cultura.

Em *O paciente e o analista*, de 1973, escrito em colaboração com Christopher Dare e Alex Holder, Sandler (1973/1976) se propõe a examinar vários conceitos fundamentais da clínica psicanalítica, sob o argumento de que as diversas correntes psicanalíticas provocaram uma indefinição conceitual, ou seja, ele utiliza a mesma alegação de Lacan (1964) ao falar sobre a “recusa do conceito” pós-freudiana. No entanto, no texto de Sandler não encontramos a repetição entre os conceitos tidos como fundamentais, mas o conceito de atuação (*acting out*), ou seja, o caráter demoníaco da compulsão à repetição é deixado de lado. Nas palavras do autor: “A repetição do passado, sob a forma de transferências contemporâneas, era, do ponto de vista de Freud, consequência da (impropriamente denominada) ‘compulsão a repetir’” (SANDLER, DARE e HOLDER 1973/1976, p.36).

Assim, para estes autores, a repetição é pensada exclusivamente sob a égide do princípio de prazer, negando sua vinculação ao pulsional – sobretudo à pulsão de morte –, o que,

contrariamente, foi a grande ênfase de Lacan (1964) ao vincular pulsão e repetição. Portanto, “atuar é repetir, mas repetir é algo mais amplo que atuar” (JORGE, 2017, p.97).

No texto *Além do princípio de prazer*, Freud (1920/2006) chama a atenção para a dificuldade de estimular o paciente a recordar, uma vez que pode ocorrer que o paciente "não se lembre de tudo o que nele está recalcado e que aquilo que lhe escape seja justamente o mais importante" (FREUD, 1920/2006, p.144). Não sendo possível que o inconsciente se torne consciente, conforme havia sido estabelecido em 1914, o paciente “se vê mais forçado a repetir o recalcado como se fosse uma vivência do presente” (FREUD, 1920/2006, p.144), ou seja, na análise, todas as "ocasiões indesejadas e as situações afetivas dolorosas são repetidas e revividas pelo neurótico com especial habilidade" (FREUD, 1920/2006, p.146).

Freud (1920/2006) ressalta que existem processos que ocasionam intensa excitação e não deixam traços de memória justamente por comparecerem como um susto para o aparelho psíquico, que se encontra despreparado para lidar ou mesmo evitar esta grande quantidade de estímulo, causando um efeito traumático. Assim, evidencia os limites da memória na sua impossibilidade de ser plena e no seu aspecto lacunar. Com efeito, essas lacunas não podem ser preenchidas e, na tentativa de assimilar o inassimilável, o sujeito repete. Desta forma, a compulsão do sujeito à repetição é explicada por Freud como mecanismos utilizados diante do excesso de excitação provocado pelo trauma.

(...) a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado (FREUD, 1920/2006, p.146).

Assim, podemos pensar que a compulsão à repetição indica, para Freud (1920/2006, p.160), que a pulsão seria "uma força impelente [*Drang*] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior" e que a compulsão à repetição seria uma característica essencial do movimento de toda e qualquer pulsão.

Freud irá identificar, enfim, um aspecto repetitivo e conservador – que serão características da pulsão de morte – em alguns fenômenos, principalmente nas maneiras de repetir experiências antigas, tais como: a repetição dos sonhos traumáticos, a repetição no brincar infantil e a repetição na transferência. São essas experiências que indicam para Freud que é preciso que se considere outra lógica de funcionamento psíquico porque são nitidamente desprazerosas e não parecem trazer ganho algum, no registro do princípio de prazer, em sua repetição.

Afinal, o que faz o sujeito repetir aquilo que lhe causa dor e sofrimento? Na repetição de sonhos traumáticos, o que está em jogo? Estes fenômenos são os primeiros a serem abordados por Freud (1920/2006) em seu questionamento a respeito do que estaria para além do princípio de prazer.

Sublinha-se que este artigo é publicado logo após o fim da Primeira Grande Guerra, e Freud (1920/2006, p.139) inicia a segunda parte declarando que “com o término da terrível guerra que acabamos de vivenciar, surgiram numerosos casos dessa espécie” dos quais o conjunto sintomático “aproxima-se do da histeria pela sua riqueza em sintomas motores semelhantes”, contudo

(...) supera-a, em geral, pelos fortes indícios de sofrimento subjetivo que apresenta – tão intenso como ocorre nos casos de hipocondria ou melancolia – além disso, apresenta evidências de que afeta de modo muito mais amplo e geral o desempenho psíquico do que ocorre nos casos de histeria (FREUD, 1920/2006, p.139).

A neurose de guerra, segundo Roudinesco (1998), provém da categoria de neurose traumática. Vale lembrar que a neurose traumática é um tipo de neurose que tem o trauma como um elemento desencadeante, tendo sido definida por Hermann Oppenheim como uma afecção nervosa causada por um trauma real. Pode-se seguir dois desdobramentos possíveis ao trauma: o revelar uma estrutura neurótica já existente ou ele se tornar parte determinante do próprio conteúdo do sintoma que se manifesta como pesadelo repetitivo, ruminação do acontecimento traumático, etc (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988).

Com a Primeira Guerra, a questão da origem da neurose a partir do trauma ganhou força, o que resultou num intenso debate sobre o que causaria estes tipos de fenômenos. Psiquiatras foram solicitados por militares a darem pareceres a fim de desmascarar simuladores, falsos doentes que estariam, portanto, realizando uma espécie de fuga na doença para escapar, conscientemente, das obrigações militares e, assim, poderiam ser acusados como desertores. O psiquiatra Julius Wagner-Jauregg foi acusado de ter utilizado tratamentos à base de eletricidade para cuidar de soldados acometidos pela neurose de guerra, que eram classificados como simuladores (ROUDINESCO, 1998). Freud foi convocado a dar seu parecer acerca da ação de Julius Wagner-Jauregg, no qual (1955 [1920]/1992) sustenta a legitimidade da neurose de guerra, sua natureza psíquica e discorda veementemente do tratamento elétrico, sobretudo a maneira com que Jauregg o utilizava, que não visava o restabelecimento do paciente, mas a sua adequação ao serviço militar.

A neurose de guerra entra em conflito com a proposta de Freud de que a neurose estaria intimamente vinculada à sexualidade, tendo sido resultado de um conflito entre o Eu e as moções pulsionais do Isso. Assim, as neuroses de Guerra se distinguem das neuroses comuns por apontar algo além da pulsão sexual e do princípio do prazer, se colocando, portanto, como uma via que possibilita a sistematização do conceito de pulsão de morte.

O brincar das crianças, através de uma observação da vida cotidiana, também se apresenta como um fator que leva à formulação da pulsão de morte. Freud assiste seu neto (de um ano e meio) brincar de forma curiosa: o menino, quando sua mãe se ausentava, brincava de jogar diversos objetos de maneira que estes ficassem fora do seu campo de visão ao mesmo tempo em que emitia os fonemas “oooo”, interpretados pelo avô como “*fort*”, que pode ser traduzido como “foi-se”, “desapareceu”, “foi embora”. Freud percebe que “isso era uma brincadeira, e de que a criança apenas utilizava seus brinquedos para brincar de ‘*fortsein*’ [“ter ido embora”] com eles” (FREUD, 1920/2006, p.141). Certo dia, a criança brincava também com um carretel, que proporcionava dar continuidade ao jogo, pois agora podia não só lançar o objeto, perdendo-o, mas fazê-lo reaparecer ao puxar o barbante, quando gritava alegremente algo semelhante à “*da*”, palavra alemã que significa “aí”, “está aqui”. Segundo Lacan (1953-54/1996), nesta vocalização se dá uma primeira manifestação da linguagem, já que a partir desta oposição de fonemas, a criança introduz, no plano simbólico, o fenômeno da presença e ausência.

Portanto, nesse jogo trivial, nomeado de *Fort-Da*, Freud compreende a tentativa da criança de reproduzir a ausência e presença da mãe, tornando-se ativa em seu movimento de separação desta. Considerando que a primeira parte do jogo (quando apenas lança para longe os objetos) era independente e mais frequente que a segunda (quando faz reaparecer os objetos), Freud presume que há algo neste jogo que é análogo às neuroses de guerra e aos sonhos traumáticos. Para além da dimensão simbólica, encontra-se ainda o gozo obtido na própria repetição, a repetição insistente de algo desprazeroso, daquilo que não cessa de não se escrever.

Freud (1920/2006) ainda insiste na relação entre a transferência, a repetição e a resistência, conforme trouxera em 1914. Contudo, neste atual momento, reforça a disposição dos pacientes em reviver, na transferência, toda uma gama de emoções penosas e situações indesejadas que não produziram nenhum prazer no passado. Freud aponta que elas são ainda mais desprazerosas ao se repetirem na transferência, sob o disfarce de uma situação contemporânea do que se fossem repetidas em sonhos ou lembranças.

Conforme Freud avança em seu texto, podemos compreender que essas questões não o levam a abandonar o princípio de prazer, mas o permitem ter uma visão, para além deste, de uma função importante do aparelho psíquico que, “sem estar em contradição com o princípio de prazer, ocorre de modo independente deste e provavelmente é anterior ao propósito de obter prazer e evitar o desprazer” (FREUD, 1920/2006, p.156). Ou seja, a compulsão à repetição procura um prazer, mas encontra algo além que a conserva nesse circuito repetitivo.

Por certo, essa tendência em busca do prazer, na repetição, revela que "a pulsão recalcada jamais renuncia à sua completa satisfação, a qual consiste na repetição de uma experiência primária de satisfação" (FREUD, 1920/2006, p.165). A repetição reivindica um objeto desde sempre perdido e, por não o encontrar, retorna. Podemos pensar que o que retorna incessantemente para o sujeito traz um traço do susto e da surpresa de algo, aparentemente, vivido e repetido tantas vezes e assim, "esse inassimilável persevera como o que não pode ser (pre)visto" (SANTOS, 2002, p.95).

3.2 *Tique e Autômaton*

Gostaríamos de abordar a repetição à luz do *Seminário 11* (1964/1998) apresentando-a em dois aspectos: a *Tiquê* e o *Autômaton*. Mas, antes, abordaremos de maneira breve uma leitura anterior de Lacan que está no *Seminário sobre “A carta roubada”* (1956/1998), onde a repetição é caracterizada como simbólica e, portanto, determinada pelas leis da linguagem.

Sobre o pensamento de Lévi-Strauss acerca das estruturas elementares, Lacan diz que não podemos entender nada dos fenômenos referentes à família e ao parentesco se os deduzir de um lugar natural. Lidamos na ordem humana com uma função que intervém em todos os momentos e em todos os níveis da existência do sujeito, a função simbólica.

A função simbólica constitui um universo no interior do qual tudo que é humano tem que ordenar-se. Não é a troca de nada que Lévi- Strauss denomina suas estruturas elementares – ele não diz primitivas. Elementar é o contrário de complexo. (...) As estruturas complexas, quem as representa somos nós, elas se caracterizam pelo seguinte – elas são muito mais amorfas (LACAN, 1954-55/1985, p.44).

No *Seminário sobre “A carta roubada”* (1956/1998), Lacan discorre sobre a repetição, especialmente em sua face simbólica, afirmando que o automatismo de repetição – a *Wiederholungszwang*, o que Freud identifica como compulsão à repetição – extrai seu princípio da insistência da cadeia significante. Indica que a vinculação entre os significantes determina o

sujeito do inconsciente, mas é importante ressaltar que este último se relaciona ao intervalo entre os significantes e não a algum deles em particular, sendo exterior à cadeia que eles engendram.

Segundo o autor, “é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, a determinação fundamental que ele recebe de um percurso significante” (LACAN, 1956/1998, p.14) e, para demonstrar o aspecto simbólico da repetição, utiliza o conto de Edgar Allan Poe *A carta roubada*, escrito em 1845.

O conto se inicia quando, em Paris, o delegado de polícia procura o detetive Dupin para pedir sua opinião sobre um caso estranho. Tratava-se do roubo de uma carta da rainha, cujo conteúdo era comprometedor e confidencial. O relato do roubo o aborda em sua ousadia: no momento em que a rainha lia a carta, é interrompida pela entrada do rei e do Ministro. Na impossibilidade de guardá-la, pois chamaria muita atenção, a rainha a coloca aberta em cima da mesa. O Ministro, com “olhos de lince”, percebe o constrangimento da rainha e, sem que o rei dê atenção aos seus movimentos, retira do bolso uma carta semelhante, finge ler e a coloca em cima da primeira. Ao se despedir, o Ministro troca intencionalmente as cartas, levando a que não lhe pertencia e deixando a outra, sem grande importância, sobre a mesa. A rainha assiste a tudo sem nada poder dizer, pois chamaria atenção para a existência da carta e, se esta viesse a público ou fosse lida pelo rei, comprometeria sua honra.

O Delegado de Polícia recebeu a missão de resgatar a carta na casa do Ministro, e tinha que fazer isto de forma discreta e rápida. A polícia iniciou uma busca incansável e minuciosa, que já durava vários meses, examinando cuidadosamente dentro de todos os móveis, almofadas, colunas, teto e tijolo por tijolo com o uso de microscópio e de outros aparelhos modernos. Contudo, a carta não fora encontrada. O delegado, em desespero, resolve oferecer uma recompensa em dinheiro a Dupin, caso ele a encontre. Ele aceita e, um mês depois, entrega a carta ao Delegado de Polícia que, estupefato, não compreende como ele conseguiu tal feito e se retira, de posse da carta, aliviado.

Dupin, então, conta para um amigo (o narrador do conto) seu raciocínio e como conseguiu reaver a tal carta. Diz que a polícia parisiense fez todas as buscas com método impecável e cumpriu seu dever ao realizar estas com perfeição e adotando os melhores métodos. Porém, acrescenta que “seu fracasso está ligado ao fato de não serem aplicáveis para o caso e para o homem em questão” (POE, 1845/2017, p.219), e que ele, Dupin, havia deduzido que a carta estaria em um lugar óbvio e dentro do alcance de qualquer um que soubesse que o Ministro não era tão somente um matemático, mas também um poeta.

Assim, considerando o enigma bastante simples, Dupin vai visitar o ladrão levando um assunto que sabia ser de seu grande interesse. Enquanto conversavam, o detetive certifica-se de que a carta está, como imaginara, à vista, num porta-cartas, jogada de maneira descuidada dentre outros documentos, e com aparência disfarçada. Após localizá-la, Dupin se despede e esquece propositadamente sua caixa de rapé. Assim, no dia seguinte, retorna à casa do Ministro com a desculpa de buscar o que tinha esquecido e, aproveitando um incidente (armado por ele) na rua que atraiu o Ministro à janela, tira uma carta parecida do bolso e a troca pela roubada. Desta forma, Dupin consegue a carta e a entrega ao Delegado, conseguindo sua recompensa em dinheiro.

Dupin continua seu raciocínio e conta o caso de um garoto da escola com fama de adivinhador no jogo do par ou ímpar. Sua engenhosidade estava na maneira que ele observa seus oponentes. Se o adversário fosse um tolo e no jogo dissesse par e perdesse, na próxima jogada, com seu raciocínio simplório, diria ímpar e perderia novamente. Um jogador menos tolo que pedisse par e, quando perdesse, tivesse igualmente o impulso de trocar, logo pensaria: acham que vou trocar, mas vou manter a mesma escolha de antes.

Dupin afirma que o delegado falha em seu propósito por não pensar como esse garoto ao considerar sagaz apenas suas próprias ideias e pensando apenas em como ele próprio faria para esconder. Finaliza dizendo que se o Ministro fosse apenas um matemático, e não também um poeta, a carta teria sido descoberta pelos policiais.

Lacan (1956/1998) divide o conto em duas cenas: a primeira seria a cena primitiva; e a segunda, sua repetição.

Na primeira, que se passa nos aposentos reais, o que mais importa não é o fato do Ministro ter sido a pessoa que roubou a carta, mas sim que a rainha sabe que ele a detém de forma não inocente. Este seria o quociente da primeira cena. Na segunda, que se passa na casa do Ministro quando Dupin lhe faz uma visita, o quociente da operação é que o Ministro não detém mais a carta, mas disso ele não sabe, nem mesmo que foi Dupin quem a pegou.

Lacan afirma que as duas ações são semelhantes, não só em seus traços, mas que há uma intersubjetividade (termo que é abandonado por Lacan posteriormente) que motiva as duas e que as estrutura por três termos.

Assim, o autor distingue três tempos lógicos em que a decisão se precipita, e que esta é concluída no momento de um olhar. Este último supõe dois outros olhares e, assim, se formam três tempos ordenando três olhares por pessoas diferentes:

O primeiro é o de um olhar que nada vê: é o Rei, é a polícia. O segundo, o de um olhar que vê que o primeiro nada vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta: é a Rainha, e depois, o ministro. O terceiro é o que vê, desses dois olhares, que eles deixam a descoberto o que é para esconder, para que disso se apodere quem quiser: é o ministro e, por fim, Dupin (LACAN, 1956/1998, p.17)

Notamos assim, que é com certa autonomia que os lugares simbólicos permanecem, enquanto os sujeitos “se revezam em seu deslocamento no decorrer da repetição” (LACAN, 1956/1998, p.18). Assim, Lacan afirma que nos resta reconhecer um automatismo de repetição dado o módulo intersubjetivo da ação que se repete

O deslocamento dos significantes determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante (LACAN, 1956/1998 p.34).

Dessa maneira, é num deslocamento que o significante se sustenta, em razão de que seu funcionamento, por princípio, é alternante e exige que ele deixe seu lugar para retornar de forma circular.

Portanto, Lacan utiliza o conto de Edgar Allan Poe para ilustrar de que maneira a vertente simbólica da repetição se apoia no deslocamento e faz um caminho singular. Acrescenta que o significante, assim como um jogo de par ou ímpar, articula presença e ausência e – após afirmar que a carta/letra é o verdadeiro sujeito do conto – nos diz que “é por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto que lhe é próprio. Traço onde se afirma, aqui, sua incidência de significante” (LACAN, 1956/1998 p.33).

Jacques-Alain Miller (2015) aponta duas operações opostas no trabalho analítico: a amplificação e a redução. A primeira se refere ao atributo de proliferação próprio à linguagem, ou seja, a multiplicação significativa que a associação livre pode possibilitar. A segunda operação – dividida em repetição e convergência – seria a condensação que, a partir da repetição, converge os ditos do sujeito para um enunciado simples e essencial. Mas, ainda, essa operação significativa sinaliza também uma redução ao nível do real.

Repetição e convergência designam, na experiência analítica, a redução ao simbólico, a redução do discurso do paciente aleatório, confuso, abundante, a formas simbólicas elementares. Mas há algo mais, há nessa evitação, que não está na presença, mas que introduz uma outra redução, a que chamarei de redução ao real (MILLER, 2015, p.53).

Se até então é o aspecto simbólico que estava enfatizado na repetição, é a partir de 1964, no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que Lacan (1964/1998) demonstra as duas vertentes da repetição: simbólica e real.

Nele, Lacan (1964/1998) enfatiza que há um elemento sempre indecifrável que aponta para a face da repetição que encontra o real e que, por isso, não se trata somente de lembrar ou interpretar o que se repete. Nos chama a atenção para que

A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise, por causa da identificação da repetição com a transferência na conceitualização dos analistas. Ora, é mesmo este o ponto a que se deve dar distinção (LACAN, 1964/1998, p.56).

O autor resgata dois conceitos contidos no pensamento aristotélico — a *Tiquê* e o *Autômaton* — para refletir a respeito da repetição e sua relação com o real: "Toda a história da descoberta por Freud da repetição como função só se define com mostrar assim a relação do pensamento com o real" (LACAN, 1964/2008, p.55). Lacan aponta que o que se repete na compulsão à repetição é, por um lado, a tentativa de elaborar, ou seja, tecer a trama simbólica e, por outro, é o inassimilável, que foge à apreensão, algo que se refere ao real. "O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a *res cogitans*, não o encontra" (LACAN, 1964/2008, p.55).

Assim, Lacan entende o *Autômaton* como a insistência dos signos, que se caracteriza pelo automatismo da cadeia de significantes, marcando, sob a égide do princípio de prazer, o retorno insistente dos signos.

Já a *Tiquê* é entendida como o encontro com o real, encontro faltoso, para além da fantasia, para além do retorno dos signos, para além de algo que é regulado pelo princípio de prazer.

Primeiro a *tiquê* (...) Nós a traduzimos por *encontro com o real*. O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio de prazer. O real é o que vive sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida. (LACAN, 1964/2008, p.59, grifo do autor).

Vemos que, ao elaborar esses aspectos que a repetição comporta, Lacan possibilita distingui-la da transferência. A repetição não é, portanto, apenas um dos elementos do fenômeno da transferência, pois esta está ligada a uma ficção e refere-se à realidade psíquica, realidade entrançada pela fantasia e edificada em torno de algo que não é possível de ser dito.

A repetição indica este algo que se refere a uma dimensão do irrepresentável, que se refere ao pulsional. Nas palavras de Lacan: “Assim, não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida” (LACAN, 1964/2008, p.59).

Podemos pensar, assim, que a insistência dos signos está intimamente ligada à insistência do desejo, sendo que a fantasia – suporte do desejo – aponta também para a incidência de algo do impossível de simbolizar. Como diz Lacan:

Não é notável que, na origem da experiência analítica, o real seja apresentado na forma do que nele há de *inassimilável* – na forma do trauma, determinando toda a sua sequência e lhe impondo uma origem na aparência acidental? (LACAN, 1964/2008, p.60, grifo do autor).

Percebemos, pois, a estreita ligação entre as noções de repetição e trauma. Segundo Lacan, a *Tiquê* promove o retorno do real traumático que subjaz à repetição significativa, o *Autômaton*.

Aos oito anos, Emma é tocada por sobre a roupa, aos doze anos, ela é tocada no significativo que passa a representar o trauma. A *tiquê*, o mau encontro, produz-se aqui por efeito do retorno de um significativo (*autômaton*) que faz surgir uma nova significação, inassimilável, que se refere ao desejo (SANTOS, 2002, p.124).

Lacan (1972-73/1985, p.81) relaciona o real à categoria do impossível, como aquilo que não cessa de não se inscrever, mas é reencontrado pelo sujeito.

A função da *tiquê*, do real como encontro – o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo (LACAN, 1964/1998, p.57)

Dessa forma, Lacan afirma que a análise se configura como um “encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que escape” (LACAN, 1964/1998, p.55). Assim, como também afirma Lacan (1964/1998), Freud fora confrontado ao real traumático que insistia por trás do sintoma histérico, e, inventa a psicanálise.

CONCLUSÃO

Iniciamos esta pesquisa a partir de questões sobre a repetição, um dos conceitos fundamentais da psicanálise, assim como foi designado por Lacan. Queríamos propor um retorno às questões que impulsionaram nossa pesquisa: por que o sujeito repete? O que ele repete? Talvez, a pergunta que expressaria melhor nossos achados seria: o que *se* repete? Após as investigações feitas neste trabalho, verificamos que o conjunto de questões que nos impulsionou, insiste. É desejável que assim seja. É desejável que sejamos fígados por seu enigma, cuja insistência contribui para o vigor da psicanálise.

Chegamos ao término de nosso estudo advertidos, entretanto, de que evidentemente não alcançamos o esgotamento de nossa investigação sobre o tema proposto.

Após o caminho que percorremos para dar forma às questões que impulsionaram nossa pesquisa, acompanhamos algumas formulações psicanalíticas fundamentais para localizar nossas indagações. Vimos, de forma geral, que a questão da repetição é colocada como essencial para a clínica psicanalítica tanto por Freud quanto por Lacan e que, na trajetória dos dois, encontramos o aspecto ambíguo da repetição que queremos sugerir como sendo as duas faces da repetição.

Gostaríamos de propor que uma das faces da repetição abrange as primeiras formulações freudianas sobre este conceito, localizadas principalmente em 1914, que se apresentam vinculadas ao princípio de prazer e, também, com o que Lacan aponta como uma vertente simbólica da repetição que vemos expressa na sua leitura do conto de Edgar Allan Poe, pelo deslocamento e determinação dos significantes, e, mais adiante, com o *Autômaton*, o retorno insistente dos signos.

Ao se indagar, desde o início de sua clínica, sobre o enigma que o sintoma presentificava e qual seria a etiologia das neuroses, Freud vai, aos poucos, abandonando a hipnose e o método catártico ao perceber que um relevante material estava de fora: as associações do sujeito. Assim, destacamos a estreita relação da resistência com a regra fundamental da psicanálise, pois ao encontrar dificuldade em associar, o paciente repete. Vale lembrar que tudo que se coloca como obstáculo às associações livres é compreendido por Freud como resistência.

Assim, o paciente repete sob a condição da resistência e esta acompanha o tratamento passo a passo e se mostra como o avesso da transferência. Portanto, a transferência é, ela própria, uma repetição, e a atenção do analista deve estar sensível para o que não se pode lembrar, o que não se pode dizer e que está, na transferência, sendo atuado. Com efeito, alguns

elementos permanecem opacos e o paciente não é capaz de recordá-los inteiramente. Pensamos que esta hiância já parece indicar na repetição o rastro de um tropeço.

Afinal, o que manca no aparelho psíquico e no princípio de prazer que aponta para essas falhas nas inscrições, na memória, nas associações do sujeito? A repetição já comparece ao lado do que claudica, ainda que Freud não tenha, neste momento, conceituado a compulsão à repetição.

A outra face apontaria para a relação da repetição com a pulsão de morte. Vimos que, para Freud, na repetição há algo para além da tendência em adquirir prazer, que aponta para a consideração da pulsão de morte como o elemento que promove a repetição em sua compulsão. Por esta razão, pela repetição ser com-pulsão, iniciamos nossa pesquisa pela teoria das pulsões desenvolvida por Freud. Estávamos interessados nas intensidades em jogo na clínica e suas dinâmicas, e vimos como Freud subverte a teoria pulsional ao abandonar o primeiro dualismo pelo segundo.

Em 1919, ele já se interrogava sobre a estranheza das questões que cercam a satisfação pulsional e sua relação com a compulsão à repetição, apontando que o que comparece como estranho e amedrontador se refere ao retorno do recalçado.

Em 1920, novamente pela via da clínica e através da compulsão à repetição de alguns fenômenos – os sonhos traumáticos, os jogos infantis –, Freud formula o conceito de pulsão de morte: em sua obra, este conceito vem outorgar uma dimensão originária ao desamparo. Uma pulsão sem representação e sem inscrição no circuito da satisfação, uma pulsão sem objeto, silenciosa. Esta é uma marca indelével. O desamparo originário legitima o desejo, sempre adiante, metonimicamente em busca do objeto definitivo, que não há. Em lugar da garantia que lhe falta, o sujeito cria metáforas, tece próteses, inventa.

Nesta face, encontraríamos também a *Tiquê*, proposta por Lacan (1964), que se refere a um encontro com o real, faltoso e desconcertante pelo real indicar precisamente o que não se pode prever.

Se a repetição apenas se dirigisse a obtenção de prazer, por que o sujeito repetiria situações tão dolorosas? Freud chega à conclusão de que o sujeito pode extrair satisfação até mesmo no desprazer, o que Lacan, futuramente, denominará de gozo.

Podemos identificar implicitamente na obra de Freud, desde seu texto *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), a noção embrionária do que Lacan nomeia de gozo. Contudo, somente em *Além do Princípio de Prazer* (1920), com a elaboração da pulsão de

morte, Freud oferece de forma mais incisiva o ponto de partida para Lacan conceituar o gozo, situando-o além do princípio de prazer.

Se o princípio de prazer tem como função econômica evitar o desprazer na medida em que reduz a quantidade de excitação, o que está para além dele, o princípio de Nirvana, tem como objetivo a anulação radical da tensão interna do aparelho psíquico.

Dessa maneira, Patrick Valas (2001) aponta a antinomia entre o prazer e o gozo, sendo o primeiro uma barreira e um limite ao segundo, sempre excessivo e ligado à pulsão de morte. Visto que, segundo Lacan (1964), toda pulsão é pulsão de morte, ressaltamos novamente o caráter conservador da pulsão que sustenta o movimento da repetição.

O gozo é visado num esforço de reencontro, mas, pela virtude do signo, alguma outra coisa ocorre em seu lugar, um rasgo, uma marca, e nessa falha resvala o objeto sempre já perdido. (KAUFMANN, 1996, p.221)

É digno de nota que consideramos importante a relação entre o conceito lacaniano de gozo e a repetição, mas julgamos que o campo do gozo constitui em si mesmo um tema vasto, que merece um estudo aprofundado a ser realizado no futuro.

Sabemos que a repetição circunscreve a satisfação pulsional e evidencia o fracasso do recalque em manter fora da consciência os pensamentos indesejáveis e demonstra uma tentativa do sujeito de inscrever no psiquismo algo que não tem representação ou possibilidade de simbolização. É neste sentido que podemos dizer que o que quer que compareça na análise está sempre vazando, escapando, pois não há um sentido final. Sempre é possível a atribuição de sentido, pois, ao se chegar a ele, percebe-se que é furado.

É desta forma que compreendemos essas duas faces de uma mesma repetição que traz a marca de uma impossibilidade. Assim, podemos pensar que, quando a repetição comparece na clínica, ela evidencia, na cena analítica, o movimento pulsante do inconsciente. Bem-dizer a repetição se torna possível através do manejo da transferência, e isto é tarefa do analista que expressa a sua implicação no tratamento, seu desejo de analista e a ocupação deste lugar.

Pensamos poder afirmar que a clínica se dá em torno da repetição e que ali onde o analista tem alguma chance de produzir uma quebra é quando ela se coloca em ato na transferência, na cena transferencial. Na clínica, a repetição parece se apresentar numa temporalidade que tende à inércia, querendo repetir sempre do mesmo jeito. Ao mexer nessa temporalidade com a surpresa, com o imprevisto, a contingência, a quebra, o corte, a ruptura de algo, é que o analista poderá mudar um pouco desse circuito, tentando, a cada volta, extrair o novo.

Portanto, é a repetição que se manifesta na clínica que vai expor a própria ressonância do inconsciente e criar as condições para que o analista exerça sua tarefa de denunciar a falta estrutural até que seu reconhecimento surja como possibilidade de um fruto de análise. O campo onde isto acontece é o campo da transferência e o tempo é aquele que quando se dá, já se deu. O leão só salta uma vez¹⁰.

¹⁰ Ditado popular mencionado por Freud no texto *A análise finita e a infinita* (1937)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOUN, Paul-Laurent. *Dictionnaire des oeuvres psychanalytiques*. Paris: PUF, 2009.

CALDAS, Heloisa. *Trauma e linguagem: acorda*. Opção Lacaniana Online, v. 16, p.01-14, 2015.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Passo-a-passo;50)

FELDSTEIN, Richards; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs). *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FÉDIDA, Pierre. *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta, 1988.

FREUD, Sigmund. *Proyecto de psicología (1950 [1895])*. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, v. 1, p. 323-436.

FREUD, Sigmund. *El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen (1907 [1906])*. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, v. 9, p. 1-77.

_____. *Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad (1908)*. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, v. 9, p. 137-148.

_____. *Esquema del psicoanálisis (1940 [1938])*. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, v. 23, p.133-209.

_____. *Apéndice. Informe sobre la electroterapia de los neuróticos de guerra (1955 [1920])*. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, v. 17, p.209-213.

_____. *O Recalque (1915)*. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v.1, p.175-194.

_____. *Luto e melancolia* (1917). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.2, p.99-121.

_____. *Além do Princípio de prazer* (1920). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.2, p.123-197.

_____. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides). Relatado em autobiografia* (1911). In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 7, p.13-107.

_____. *Introdução ao narcisismo* (1914). In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12, p.13-50.

_____. *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão* (1910). In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v. 9, p.313-323.

_____. *As pulsões e seus destinos* (1905). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.13-72

_____. *O poeta e o fantasiar* (1908). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.13-334.

_____. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 6, p.13-172.

_____. *“Bate-se numa criança”*: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.123-156.

_____. *O problema econômico do masoquismo* (1924). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.287-303

_____. O chiste e sua relação com o inconsciente (1905). In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v. 7, p.13-334.

_____. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v.10, p.193-209.

_____. Sobre a dinâmica da transferência (1912). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.107-120.

_____. A análise finita e a infinita (1937). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.315-363.

_____. O Infamiliar [*Das Unheimliche*] (1919). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p.27-125

_____. Sobre a concepção das afasias: Um estudo crítico (1891). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.15-150

GALLOP, Jane. *Lendo Lacan*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Artigos de metapsicologia (1914-1917): narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, vol. 3.

JORGE, Marco Antonio Coutinho e FERREIRA, Nadiá Paulo. *Freud o criador da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. (Passo-a-passo; 14)

_____. *Lacan o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. (Passo-a-passo; 56)

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000. v.1.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro:

Zahar, 2010. v. 2.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: A prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. v. 3.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248-264.

_____. O seminário sobre “A carta roubada” (1956/1998). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 11-67.

_____. *O Triunfo da Religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958b). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 692-703.

_____. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *O seminário, livro 10: a angústia (1962-63)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LOWENSTEIN, Alicia (org.). *La función de la repetición*. Buenos Aires: Letra Viva, 2007.

MAGNO, M-D. *O Pato lógico*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1983.

MAURANO, Denise. *A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. (Passo-a-passo; 72)

MIELI, Paola. *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

POE, Edgar Allan. *Medo clássico: coletânea inédita de contos do autor*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

PORGE, Erik. *Jacques Lacan: um psicanalista: percurso de um ensino*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2006.

RICCI, Giancarlo. *As cidades de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

ROUDINESCO, Elisabeth. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

RUDGE, Ana Maria. *Trauma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SAFOUAN, Moustapha. *O fracasso do princípio de prazer*. Campinas: Papirus, 1998.

SANDLER, Joseph; DARE, Christopher; HOLDER, Alex. *O paciente e o analista*:

fundamentos do processo psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

SANTOS, Lucia Grossi dos. *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002.

SHIMABUKURO, H. S. D. *Agressividade e violência: o que a clínica do ato nos ensina?*. Dissertação apresentada como requisito para conclusão do Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ, 2016.

SOLER, Colette. *A repetição na experiência analítica*. São Paulo: Escuta, 2013.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.